

ANEXOS

ANEXO I – Transcrição de Documentos.

ÍNDICE DE DOCUMENTOS

Documento 1: s.d. - Documento do P. João Baptista de Castro sobre a Fortificação de Évora	v
Documento 2: s.d. - Descrição de Portugal que tem por principal assunto falar de suas praças	vi
Documento 3: 1641, maio, 4 - Documento referente à edificação de um baluarte junto às muralhas de Évora, por ordem e expensas de D. João Coutinho, arcebispo da cidade de Évora.....	vii
Documento 4: 1647, julho, 13 - Alvará de Nomeação de Luís Serrão Pimentel para cosmógrafo-mor por impedimento de António de Mariz Carneiro	viii
Documento 5: 1657, abril, 1 – Documento sobre as fortificações de Évora.....	ix
Documento 6: 1657, junho, 28 - Consulta do Conde do Prado, aprovada pelo Conselho de Guerra	x
Documento 7: 1657, julho, 31 – Carta sobre a fortificação da cidade de Évora	xi
Documento 8: 1657, agosto, 17 – Carta sobre a assistência de Nicolau de Langres na fortificação de Évora	xii
Documento 9: 1657, novembro, 14 – Carta sobre a emergência da fortificação em Évora	xiii
Documento 10: 1659, setembro, 24 - Carta do Conde da Atouguia a informar aquilo que é necessário para a fortificação da cidade de Évora	xiv
Documento 11: 1659, novembro, 5 - Carta do Conde da Atouguia (com carta de Nicolau de Langres) sobre a alteração da planta de Évora	xv
Documento 12: 1659, dezembro, 17 - Carta do Conde da Atouguia para se continuar a fortificação de Évora	xvi
Documento 13: 1660 - Nomeação de Luís de Mesquita Pimentel e de João Nunes da Cunha para servirem na fortificação de Évora	xvii
Documento 14: 1660, fevereiro, 25 - Carta do Conde de Atouguia sobre duas dúvidas que há para se dar início a fortificação de Évora	xviii

Documento 15: 1660, março, 10 - Carta do Conde da Atouguia sobre a fortificação de Évora	xix
Documento 16: 1661, dezembro, 26 - Resposta Apologética do Tenente General Pedro de Santa Colomba em defesa da sua planta de Evora ao papel de Luiz Serrão Pimentel <i>Lente de Mathematica</i>	xx
Documento 17: 1663, julho, 21 - Carta do Rei (assinada pelo Conde de Castelo Melhor) sobre a brevidade da obra na fortificação de Évora	xxx
Documento 18: 1663, julho, 24 - Carta do Rei (assinada pelo Conde de Castelo Melhor) sobre a fortificação de Évora	xxxi
Documento 19: 1663, setembro, 3 - Consulta do Conselho de Guerra para que o Rei concedesse a Luís Serrão Pimentel o cargo de Engenheiro mor do Reino	xxxii
Documento 20: 1663, setembro, 9 – Carta sobre a necessidade de assistir em Évora	xxxiii
Documento 21: 1663, Setembro, 13 - Decreto da patente de ajudante de Fortificação a Francisco Pardo de Osório, que era discípulo de Luís Serrão Pimentel	xxxv
Documento 22: 1665 - Luís Serrão Pimentel desenha a fortificação de Évora	xxxvi
Documento 23: 1669, abril, 20 - Carta de Tença a Luís Serrão Pimentel Évora ...	xxxvii
Documento 24: 1671, dezembro, 14 - Carta de nomeação de Luís Serrão Pimentel para o ofício de Cosmógrafo-mor do Reino	xxxix
Documento 25: 1682, abril, 20 – Regimento para a Fortificação da cidade de Évora .	xli
Documento 26: 1696, junho, 20 - Treslado da ordem da Junta dos Três Estados sobre a defesa da cidade de Évora	xlvi
Documento 27: 1758, junho, 21 - Memória Paroquial da Sé de Évora	xlix
Documento 28: 1818 - Legitimidade da posse de 4 baluartes pertencentes à antiga Fortificação da cidade	li
Documento 29: 1863, abril, 17 - Portaria sobre a demolição de portas extintas na muralha	lii

Documento 1

s.d, s.l.

Documento do P. João Baptista de Castro sobre a Fortificação de Évora

[Biblioteca Pública de Évora, CXXII/1-12 d., fl. 173 a (solto)]

Evora

No tempo do Rey D. João IV se ordenou ao Engenheiro mor do Reino Monsier de Lassart que fizesse o desenho da fortificação per aquello citio o qual acomodado ao tempo constava de baluartes reaes cortinas sem se valer dos muros antigos, mas por haver então outras cousas a que acudir, não passou o desenho do papel no ano porem de 1653 sendo Governador das Armas pelo Principe D. Theodosio tratou com eficacia da mesma fortificação, e per isso mandou Nicolau de Langres, o qual conformando a qualidade da obra à do tempo fez baluartes atacados aos muros com algumas obras cornutas de dilatado circuito, se bem de menos cumprimento. Com a morte do Principe parou tudo, e voltando depois ao Reino o Engenheiro mor, viu de novo a Praça e fez hum desenho de meyas luas soltas. Apertando depois o tempo, e o estado da guerra com a perda de Olivença e tornou se intentar a fortificação e o Conde de Atouguia a encarregou aos engenheiros Simão Joquet e João Brivois, e finalmente ao Tenente General Pedro de Santa Colomba. Etc.

Tirei isto de hum papel que me emprestou o Capitão Paulo Farinha e hum diz do dito Santa Colomba contra Luis Serrão Pimentel.

Documento 2

s.d. - s.l.

Descrição de Portugal que tem por principal assunto falar de suas praças

[José Romão da Cruz, Biblioteca Pública de Évora, Miscelânea Manuscrita, Códice 509-I]

(...) A cidade de Évora, que dista 20 legoas de Lisboa e que hé a capital da Provincia do Alentejo, he huma povoação illustre pella sua grandeza. (...) Tem huma grande legoa em circuito e esta cingida de muralha antiga, a qual se achão atacados alguns baluartes, e logo da parte do Norte tem hum Forte denominado de Santo Antonio, dentro do qual há um Convento de religiosos capuchos, e suas obras constão de quatro baluartes, e quatro revelins, e sua forma he quadrada.

Ora, pondo de parte as particularidades circunstanciais da cidade de Évora como huma povoação illustre, devo dizer, que a respeito de fortificação, não devo entrar em detalhe algum porque alem de grande distancia que fica das fronteiras, he tão grande o seu recinto, que seria necessario fazer-se despeza grande para regulamente se fortificar. A competente guarnição que se lhe pozesse, serviria somente de domínio do exercito, ou de enfraquecer as praças principaes que a cobrem, e que lhe servem de barreira.

(...) D. João da Austria, General de Filippe 4º de Castella, penetrou imprudentemente na provincia do Alentejo no anno de 1663 com doze mil infantes e seis mil e quinhentos cavallos, deixando ficar na retaguarda tres praças fortes e o Conde de Villa Flor pronto para o visitar, competentemente assistido. Ganhou a cidade de Evora com poucos dias de sitio, e a pouco custo, e logo depois (deixando a guarneida com tres mil infantes, e oitocentos cavallos) se pos em marcha para Castella, aonde desejava chegar a salvo sem pelejar, consequência do rigoroso encontro que teve no Rio Degebe. Não teve porem effeito aquella prudente e cavileza maxima por ser impedido pello exercito portuguez. Por que os antigos portuguezes, não passando de valerosos procurarão decete, e oportunamente os conflitos, e por isso mesmo vencerão batalhas e conseguiram triunfos.

Por tanto deu-se a batalha nos campos do Ameixial huma legoa distante de Estremoz, na tarde de 8 de Junho e nella com poucas horas de disputa ficarão sem vida mais de quatro mil castelhanos, e sem liberdade mais de seis mil, incluídos dois mil e quinhentos feridos. Ferirão se mil e quatrocentos, além dos que se deixarão extraviar, mais de dois mil carros de bagagem, muito armamento, e conseguirão liberdade quatro mil prisioneiros da guarnição de Évora. Esta cidade foi restaurada quinze dias depois, à força de baterias e aproches.

Documento 3

1641, maio, 4 – Lisboa

Documento referente à edificação de um baluarte junto às muralhas de Évora, por ordem e expensas de D. João Coutinho, arcebispo da cidade de Évora.

[Documento publicado por António Francisco Barata – *Esboços Chronologico-Biographicos dos Arcebispados da Egreja de Evora*, Coimbra, Imprensa Litteraria, 1874, p. 38]

Dom Joam Coutinho por merce de Deus e da Sancta Igreja de Roma Metropolitano Arcebispo de Evora e mandamos a Rodrigo Antunes prior das rendas da nossa meza ponteficial que do dinheiro dellas dee ao padre Antonio Goudim, secretario da meza do nosso governo, vinte mil réis para os dispende com os officiaes que trabalharam no baluarte que por nossa orden se faz com os clérigos desta cidade junto aos muros della e com conhecimento nas costas desta pelo ditto Antonio Goudim feito de como delle recebeo os dittos vinte mil réis mandamos ao contador escrivão da fazenda da nossa meza ponteficial lhos levem em conta nas que der das dittas rendas.

Documento 4

1647, julho, 13

Alvará de Nomeação de Luís Serrão Pimentel para cosmógrafo-mor por impedimento de António de Mariz Carneiro.

[Lisboa, Torre do Tombo, Chancelaria de D. João IV, L.º 18, fl. 298v – microfilme 1238]

Eu El Rey faço saber aos que este Alvara virem que tendo respeito a Luis Serrão Pimentel aver servido de alguns annos a esta parte o cargo de cosmógrafo mor deste Reino e lente de matematico com satisfação por impedimento do proprietario e acodir ao que era obrigado como convinha a meu serviço hei por bem de fazer lhe a merce da serventia do mesmo cargo de cosmographo mor lente de matematica emquanto durar o impedimento do dito proprietario para que o sirva assy desta maneira que lhe a exercitou e servio ate gora [SIC] com declaração do meu Conselho da Fazenda lhe assinara (...) e os mais proes e percalços que lhe diretamente pertencerem pello que mando aos vedores de minha fazenda lhes fação dello posse (...) do dicto cargo para servir na forma assima declarada (...)//

Documento 5

1657, abril, 1 - Lisboa

Documento sobre as fortificações de Évora

[Évora, Biblioteca Pública de Évora, Amrº x, cod. 1º, nº 18, Livro verde, fl. 51]

Juiz, vereadores, e procurador da Camara da cidade de Evora eu el Rey vos envio muito saudar o grande desejo que tenho de ver fortificada essa cidade me obrigou a tirar do meu Conselho de Guerra o Conde de Prado, e a privar me de seu serviço no exercício de estribeiro mor, encarregando o deste negocio por intender de seu zello, e grande capacidade obrara neste particular, como o sabe fazer em tudo, tendolhe dado para este fim a jurisdição que convem e a pessoa do Conde devia encarregar se desta ocupação como intendereis do Alvara que lhe mandei passar, e porque minha fazenda e a conta do Reyno me serve pera a guerra estão no estado que sabeis, espero que vos dispunhaes a contribuir com todos os effeitos possíveis pera se poder dar principio, e fim a fortificação dessa cidade, mas so imitando o que faz esta cidade e outros lugares do Reyno menos vizinhos a Castella mas excedendo a todos com o zello que sempre se experimentou nos moradores dessa cidade, sendo certos que assim como logo socorrer o Conde com o dinheiro que he possível o mandareis ir continuando com tudo o que de minha fazenda, e mais contribuiçoens se poder aplicar a essa cidade pera que se ponha na forma que convem a vossa própria defesa, segurando se dos dannos que o inimigo deseja fazer, a obra he muito comua, e mão digna de ser apedada principalmente por vassalos tão honrados, e tão leaes como vos sois escrita em Lisboa a bj de Julho de 1657// Raynha// para a Camara da cidade de Evora//

Juiz, vereadores, e procurador da Camara de Evora eu el Rey vos invio muito saudar recebeo se a vossa carta do primeiro do corrente em que me pedis se vos não altere em couza alguma o regimento que mandei dar pera a fortificação dessa cidade, sem serem ouvidos, e perceder resolução minha, e que mande que a cobrança dos effeitos destinados a ella se execute por mão do vedor geral pera que se veja que vos não obriga a isso ou qualquer mais jurisdição, que o trabalho da fortificação, e pareceu dizer vos que na cobrança do dinheiro se continue o que de agora se fez e pera que toca ao regimento hey por bem que se guarde muito pontualmente na forma que mo pedis, e assim o mando ordenar ao superintendente e vedores geraes da fortificação. Escrita em Lisboa a j de Abril de 1661// Raynha// para a Camara de Evora//

Documento 6

1657, junho, 28

Consulta do Conde do Prado, aprovada pelo Conselho de Guerra

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 51-VI-26 (132), fl. 95v- publicado por Sousa Viterbo, in *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 62]

E que deve Vossa Magestade ser servida mandar ao Governador das Armas do Alentejo que lhe remetta o Engenheiro Nicolao de Langres por três ou quatro dias pera que assista na Junta que hade fazer-se sobre o melhor asserto e eleição da fortificação das cidade de Evora e Beja, porque de semelhantes plantas e despesas se não fazerem com todas as advertências convenientes tem procedido acharem-se com as continuas mudansas as prasangas do Reino com a fortificação imperfeita, e consumido mais dinheiro em tresdobro do que fora necessário pera a por em sua perfeição.

Documento 7

1657, julho, 31 - Lisboa

Carta sobre a fortificação da cidade de Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 51-VI-26 (132), fl. 32]

Joanne Mendez de Vasconcellos amigo, eu El Rey vos envio muito saudar ja tinha mandado ajustar o contrato de Lassart, e passar ordem, pera se hir logo a esse exercito, agora com esta nossa carta de 28 o tornei a mandar ordenar, hade hir em companhia do Conde do Prado aprovara planta da fortificação que mando fazer nas cidades de Evora e Beja e dali passara logo a servir nesse exercito, o que tambem mandei passar o Thenente Geral da Artilharia da Beira São Pol [?]; por engenheiros de fogos, petroleiros, e mineiros tenho mandado fazer diligencia, e a mando agora fazer de novo, os que se acharem vos hirão com toda a brevidade. Escrita em Lisboa a 31 de Julho de 1657.

Raynha

Documento 8

1657, agosto, 17 – Lisboa

Carta sobre a assistência de Nicolau de Langres na fortificação de Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 51-VI-26 (132), fl. 29]

Joam Mendes de Vasconcellos amigo, eu El Rey vos envio muito saudar pelo muito que convem a meu serviço, e defensa do Reyno fortificarem se as cidade de Evora, e Beja, mandei assistir nellas o Conde de Prado do meu Conselho de Guerra, e meu estribeiro mor; e porque ha de fazer huma Junta sobre o melhor acerto, e elleição das fortificações daquellas cidades vos encomendo, e mando que lhe remetais o engenheiro Nicolau de Langres por tres, ou quatro dias, para lhe assistir na mesma Junta, e em mais que o Conde lhe ordenar. Escrita em Lisboa a 17 de Agosto de 1657.

Raynha

Documento 9

1657, novembro, 14 – Lisboa

Carta sobre a emergência da fortificação em Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 51-VI-26 (132), fl. 61]

Joanne Mendes de Vasconcellos amigo, eu El Rey vos envio muito saudar (...) Santa Colomba com o filho de Langres para fazerem trabalhos nas fortificações que ja me ouzeio dado conta de que Mourão necessitava de quatro baluartes (...) ou que se suspendesse a fortificação de Evora e Beja, por que e da recuperação daquela praça, tinha menos, ou nenhum perigo; com cujos efeitos se poderia accoder as fortificações das mesmas praças, e outras que muito necessitarão dellas: porque faltando estes rendimentos, não vão mais de vinte, e quarenta mil cruzados para todas as praças dessa provincia (...).

Mas como sois tão solícito, e zeloso e meu serviço que tereis as noticias necessarias do estado do inimigo dispondo tudo a certeza do fim de conservar sua praça de tanta reputação, ganhando lha tão brevemente depois de perdida, e tão necessaria a seguridade da provincia, e cidades de Evora, e Beja pedindo/ parece que por esta razao/ o destinado para sua fortificação para a de Moura e outras: sobre o que me pareceo dizer vos não convem a meu serviço, a ley por não estar ajustada de toda a quantidade com que Evora há de acoudir, como pelo receo de que digão os que pagão de presente que não contribuem para o que vos o quereis aplicar, a que vos tenho ja mandado acodir com algum dinheiro prontamente, e ordenado se busque logo todo o mais que for necessario (...). Escrita em Lisboa a 14 de Novembro de 1657.

Raynha

Documento 10

1659, setembro, 24

Carta do Conde da Atouguia a informar aquilo que é necessário para a fortificação da cidade de Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, cota 51-v-79, f. 26v-27]

Na forma das ordens de Vossa Majestade, tocantes à fortificação da praça de Évora avisei ao mestre de campo Luís da Mesquita Pimentel me informasse do que era necessário pera se lhe dar principio, o que fez a reposta que será presente a Vossa Majestade pela sua carta que com esta envio.

No que toca ao terço do mestre de campo Fernando da Mesquita, que nela pede (...) não he conveniente de fruir lhe, porque este terço não dará 150 homens do serviço pera trabalhar nas fortificações que se há de pagar o mesmo que a trabalhadores fazendo Vossa Majestade os primeiros planos (...).

A planta, emiuda relação do que para dar principio à obra se necessita, envio do mestre de campo e engenheiro mor Nicolau de Langres, aguardando só para ir dar principio à obra a ultima aprovação e resolução de Vossa Majestade (...).

Documento 11

1659, novembro, 5

Carta do Conde da Atouguia (com carta de Nicolau de Langres) sobre a alteração da planta de Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, cota 51-v-79, f. 35v]

Per carta de Vossa Majestade escrita em 11 do passado se me ordena mande ao mestre de campo Nicolau de Langres diga a razão, e fundamento com que se alterou a planta que enviei de Évora, à que tinha ajustado com o Conde de Prado e Joanne Mendes de Vasconcelos.

Documento 12

1659, dezembro, 17

Carta do Conde da Atouguia para se continuar a fortificação de Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, cota 51-v-79, f. 42-42v]

Com carta de 24 de setembro passado enviei a Vossa Majestade a planta da fortificação de Evora, e huma meuda relação que fez o mestre de campo e engenheiro mor Nicolau de Langres pedindo a Vossa Majestade aprovação e resolução de Vossa Majestade pera se dar principio à obra.

Depois com carta de 5 de novembro remeti a vossa Majestade hum papel que fez o mesmo engenheiro mor em que dava a razão porque se havia alterado aquela planta depois de estar ajustada com o Conde de Prado, e Joanne Mendes de Vasconcelos com o que se satisfez ao que Vossa Majestade me ordenou por carta de 11 de outubro, e porque ate gora não hei tido aviso da ultima resolução de Vossa Majestade, me pareceo lembra la a Vossa Majestade pera se poder começar esta fortificação em que só se convem ganhar instantes de tempo.

Documento 13

1660, s.l

Nomeação de Luís de Mesquita Pimentel e de João Nunes da Cunha para servirem na fortificação de Évora

[Lisboa, Torre do Tombo, Decretos remetidos ao Conselho de Guerra, maço 19, nº 28]

É de tanta importância a fortificação da cidade de Evora e tem se dilatado com tantas duvidas, algumas escusadas, de dous anos a esta parte, que tive por conveniente a vence las e a dispor todo o necessário e começar aquella fortificação na forma da planta e despachos que tem em seu poder o mestre de campo Luís de Mesquita Pimentel, governador daquela comarca, e porque a experiencia que tenho do zelo e cuidado com que João Nunes da Cunha, governador das armas de Setúbal, faz breve e acertadamente tudo o que toca a meu serviço, principalmente o que se encaminha a conservação e defesa de meus Reinos, hei por bem encomendar lhe queira, por me servir, passar logo aquella cidade e reconhecendo os papeis que tem em seu poder Luís de Mesquita Pimentel, procure vencer qualquer dívida que se ofereça, conferindo a com o Conde de Atouguia, a cuja conta esta por ora o governo das armas da provincia, e com o mesmo Luís de Mesquita, com a Camara e cabido e com todas as mais pessoas que for necessário e ajustado tudo faça logo trabalhar na fortificação, detendo se nella os dias que lhe parecerem necessários para deixar tudo bem assentado, e feito isto, deixara a obra a Luís de Mesquita Pimentel para continuar debaixo de minhas ordens e das da pessoa que governa as armas da provincia, em as quaes estará tambem o mesmo João Nunes da Cunha, enquanto ali estiver.

Documento 14

1660, fevereiro, 25

Carta do Conde de Atouguia sobre duas dúvidas que há para se dar início a fortificação de Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, cota 51-v-79, f. 50v]

Desejando dar princípio à fortificação de Evora na forma que Vossa Majestade me tem ordenado a ultima resolução, por carta de 13 de janeiro próximo passado, e recebida em 10 do presente enviei ao mestre de campo e engenheiro Nicolau de Langres a Évora tomar noticia do estado em que estava os effeitos que lá havia, pera que assy logo que a esta praça viessem alguns cabos do exercito passasse aquella e servindo miudamente a Luís de Mesquita Pimentel. As couzas que me avisou sobre que podia haver alguma duvida são duas, a primeira a ordem que havia de vir de Vossa Majestade pera que o rendimento dos terços da comarca applicados à obra se entregassem ao tesoureiro dela, a segunda que oferecendo cabido a contribuição de 250 réis em três anos sera já corrente ano e meio, e que se entendia que 12500 réis que por esta razão deviao de estar cahidos para dar principio a fortificação se não entregariam antes afirmação que esses três anos se haviam de contar do principio da obra (...).

Documento 15

1660, março, 10

Carta do Conde da Atouguia sobre a fortificação de Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, cota 51-v-79, f. 53]

Por carta de 5 do corrente recebida em 9 me ordenara Vossa Majestade que va logo a Evora com todo o necessário pera a fortificação pela planta que se me remete.

Logo dera a execução esta ordem de Vossa Majestade se tivera resposta da carta que escrevi a Vossa Majestade em 25 de fevereiro próximo passado em que pedia a Vossa Majestade o que Vossa Majestade será servido mandar ver da copia da minha carta inclusa ordenando Vossa Majestade se me responda com brevidade porque so por ella me detenho e lembrando a Vossa Majestade como em carta de 13 de janeiro escrita pelo seu conselho de guerra me ordena siga a planta que de novo fez o engenheiro mor.

Documento 16

1661, dezembro, 26, Évora

Resposta Apologética do Tenente General Pedro de Santa Colomba em defesa da sua planta de Evora ao papel de Luiz Serrão Pimentel *Lente de Mathematica*

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, cota 51-VI-1, fl. 93-96]

«Havendo se felizmente aclamado El Rey D. João IV que Deos haja na gloria, pelos meios que são notórios a todo o mundo, e achando se o Reyno destituído dos que se requeriam para sua conservação; uma das primeiras prevenções de que se tratou, foi a fortificação das fronteiras da provincia do Alentejo, cuja cabeça e metropole Evora por ser distante couza de doze legoas da raia, não esqueceu de todo ao governo daquelle tempo, por ser unicamente capaz de recolher em si não somente os povos das campanhas vizinhas, mas tambem os moradores dos mais fracos lugares da provincia, quando conviesse desempara los por razões politicas, e demasiado poder do inimigo: com esse pressuposto se ordenou ao Engenheiro mor do Reyno Mr. De Lassart fizesse o desenho que ainda se ve para a fortificação da dita cidade, o qual acomodado ao tempo constava de baluartes reaes e cortinas, sem se valer dos muros antigos, parecendo lhe que haveria lugar de conseguir seu intento; e por haver então outras couzas mais importantes a que acudir ou por outras couzas, não passou o dito desenho do papel, e não se fallou mais na matéria até o anno de 653, em que sendo governadas as couzas da guerra pelo principe D. Theodosio, lhe pareceu tratar com eficácia da mesma fortificação, e para isso se mandou Niculao de Langres o qual tambem conformando a qualidade da obra, a do tempo, fez baluartes atacados aos muros, com algumas obras cornutas de dilatado circuito, se bem de menos empenho que a planta de Mr. Lassart. Com a morte do principe parou tudo; e voltando depois a este Reyno dito engenheiro mor Mr. Lassart, viu de novo a praça, e fez um desenho de meias luas desatacadas para a fortificação que Mr. De Temericurme afirma ter visto, e se devia de perder com a ocasião de sua morte. Apertando depois o tempo e o estado da guerra com a perda de Olivença e de Arronches, e com o crescimento do cabedal applicado a mesma obra tornou se a intentar, e o Sr. Conde d'Atouguia encarregou aos engenheiros Simão Joquet, e João Brivois que se achavão na provincia fizessem outro desenho, o qual saindo como os sobreditos de excessiva despeza e dilatado tempo, me mandou logo que cheguei do Algarve a ultima campanha fizesse uma planta com meias luas, acomodada ao tempo e ao cabedal; e havendo feito a que apresentei ao Conselho de Guerra com aplauso de muitos, comunicou se por ordem do mesmo Conselho a Luiz Serrão Pimentel, o qual com razões de Escola, e seguindo em parte algum autor dos mais

antigos desta arte, e em tudo seu espirito de contradição, como o tem feito sempre contra os desenhos obrados neste Reyno por engenheiros de fama, diz:

1º Que as meias luas não se descortinão, sendo a mais essencial parte d'uma fortificação.

2º Que as mais dellas tem ângulos tem angulos de 60 grãos que podem com facilidade ser cortados das baterias inimigas.

3º Que o perfil é fora d'arte, e o fosso não tem mais que cinco pés de fundura que é muito pouco.

4º Que sendo os muros de pedra e barro é notório que se arruinarão logo e serão de pouca resistencia.

5º Que não considero nas meias luas os defeitos que noto nas cornas e corôas, e que o que allego de Tarragona não confere com a historia, e que devo autorizar meus ditos e obras, com historias e autores, para que se me dê credito, e que finalmente é indigna minha planta de homem de tanto nome.

Não respondi a estas objecções porque até agora as ignorei, e os senhores do Conselho mas negaram sempre, assim como do de ouvir-me sobre a matéria; e Luís Serrão fiz capaz de minhas razões para as quaes não tive resposta, em uma disputa publica que tive com elle em Evora, em presença do Sr. Mestre de campo general juiz de fora e outras pessoas; e por que a escritura faz mais impressão que as palavras, direi em favor das meias luas e resposta do sobredito, que, alguns autores antigos mais theoricos que praticos as quiseram reprovar, porque não estava ainda autorizado seu prestimo e utilidade com as experiencias única mestra das cousas de guerra; mas todos os modernos e soldados, vistas as grandes vantagens que conferem a defensa das praças fizeram grande estimação e confiança dellas. Groto as prefere aos mesmos baluartes nas praças, cap. 23 em que trata das praças irregulares diz: que fortifica las com baluartes é bom sendo elles de pedra e cal, e que de outro modo não se devem admitir por serem atacados ao corpo da praça, e que como isto requer muito tempo e grande despeza raras vezes se faz semelhante fortificação se não em tempo de paz. Pelo que diz que quando aperta a occasião, e é pouco o cabedal, cazos que de ordinario acontecem se deve fortificar uma praça que tem seus muros ao antigo com meias luas desatacadas de terra, ou outros materiaes que dependam de pouco tempo e de pouco custo, dando-lhe 300 pés de frente. O livro do P. Fournier traduzido por Manoel Fernandes Vila Real no qual se contem os modos de fortificar dos mais celebres autores de todas as nações, diz o que se segue:

«alguns repruevan las media luas y rebelines, pero la experiencia muestra su grande utilidade, pues una sola media luna en Bolduque , fue causa de dilatar se mucho aquel celebre sitio, y aun Groto en su fortificacion las prefiere a los baluartes, querendo que una placa sea mas fuerte com aquellas pieças separadas del cuerpo principal. Yo he visto el desígnio de una placa imitando a Tancino de quien lo avia tomado Groto, hecho com tanto artificio, que por el intervalo daquelas

medias lunas y rebelines se defendiam y flâqueavam todas, de sinco, seis y mas flancos, siendo que la placa no tenia baluartes».

Outros autores relatam e encarecem as mesmas prerrogativas das meias luas cujas razões não allego por não ser largo, e por que entendo que em semelhante matéria é mais acertado fundar-se na experiencia dos sítios, que sobre quantos autores escreveram, por serem os mais delles pouco ou nada soldados.

Se se attentar bem pela historia e relações dos sítios ditos nestas ultimas guerras por varias nações da Europa acharemos que em todos foram as meias luas de grande prestimo, em alguns de total remedio, e em outros dilataram porfiadamente a defensa, por que sendo esta entre todas as obras exteriores a única que se destende do corpo da praça, tem sucedido em varias occaziões recuperar-se uma e muitas vezes, meias luas já tomadas pelo inimigo em razões do grande trabalho e dificuldade que tem o alojar-se n'ellas, por serem como disse dominadas da praça, mas para que sua resistencia não se atribua nos ditos sítios á vizinhança e calor que recebem dos baluartes reaes tratei alguns exemplos mais apropriados a proposição especificamente de sítios de praças que cercadas simplesmente de muros velhos se fortificaram com meias luas despegadas e se defenderam contra numerosos exércitos; onde Gravelinas uma das mais fortes da Europa foi tomada nos tres sítios que se lhe pozeram e do mesmo modo outras praça fortíssimas fortificadas com baluartes reaes.

Sitiou o Duque de Crequi em 636 em nome de El Rey chritianissimo junto com os de Saboya e de Parma, Valença de Pó na raia do estado de Milão com 24.000 infantes e 5.000 cavallos achando-se aquella praça com muros e torriões antigos de pouca resistencia; os castelhanos á vista de tão poderoso exercito a fortificaram com meias luas desapegadas de terras pequenas e imperfeitas por não dar o tempo lugar a mais, e sendo ellas desta qualidade e o exercito qual disse, depois de se verem os francezes obrigados a buscar estas meias luas com aproches, quatro meses de opugnação, perda de muita gente, muitos dares e tomares, levantaram o sitio, e destruíram tão florente exercito em tão limitada empresa como sabe toda a Europa, e em particular o Sr. Conde da Ericeira que se achava então no estado de Milão; a mesma praça sendo depois fortificada com baluartes, foi expugnada por um exercito menor da metade que o primeiro.

Sendo o principe de Conte tão perito como se sabe na arte militar e opugnação das praças, havendo sitiado Lerida em 647 e sendo eu seu engenheiro e domestico; Brito governador da praça, considerando que desprovida de fortificações ao moderno, não constando mais que de muros velhos com algumas baterias, nelles, levantou meias luas á nossa vista, e vendo que caminhávamos com os approches para o castello sem tratar da cidade fez uma meia lua pela parte que unicamente podia ser accommettido, e a defendeu de modo com ser imperfeita, que havendo-nos morto dois mil homens e entre elles 14 mineiros e cinco engenheiros, nos obrigou a levantar o sitio, depois de feitas as minas com summo trabalho na rocha viva, e o que parecia

bastar para se ganhar a praça; o mesmo principe havia tomado o anno antecedente em uma só campanha Mardic, Cortray, Armientiers e Domquerque todas praças de fama, e fortificadas com baluartes. Orbitello ao mesmo tempo com o beneficio de uma meia lua principiada se defendeu contra os francezes, e se tomou Portolongone. Em 655 entrou do Monferrato para o estado de Milão o principe Thomas com tão numeroso exercito que atravessou grande parte daquele estado, e avistando Pavia que se achava por toda fortificação com muros velhos, não a poudo bater por alguns dias por falta de artilharia que vinha no exercito do duque do Modena, o qual se juntou com elle, e achando-se já algumas meias luas levantadas a vista, conveio buscalas com approches, sendo accometidas com extraordinário valor, e uma dellas quazi tomada prevaleceu de modo a defensa que levantaram o sitio e perderam a campanha e o fruto esperado do ajuntamento dos dois exércitos. Disto são testemunhas muitos francezes que aqui servem e particularmente D. Pedro Opessinga, o engenheiro João Brivois, e Mr. Meuseus quartel mestre Geral da provincia de Alentejo que exercia o mesmo cargo no dito exercito.

O mesmo tem succedido em outras occaziões que não relato como é notorio aos praticos das guerras de Flandes, Alemanha, Italia e Catalunha, e se quisermos buscar exemplos de mais perto, acharemos que em Badaios levantou o inimigo á nossa vista as mesmas meias luas ao redor da praça por traça de homens dos mais peritos, e soldados do tempo; e no ultimo sitio que posemos a Valença d'Alcantara na campanha de Olivença uma meia lua de pedra e barro que cobria os muros e incluía um convento, nos fez perder a empresa, sendo que chegamos a lhe pôr baterias que não obravam nada, e arrimar mineiros ao pé da mesma meia lua.

Tarragona está fortificada nesta forma e as meias luas são de pedra e cal, e se a historia do conde Galeazzo Gualdo não faz menção dellas na relação dos dois sítios que teve como nota Luiz Serrão Pimentel, digo que ellas se fizeram depois destes succesos, e que eu devo saber com mais certeza o que vi, que elle pelos livros, e quando digo que sustentou aquella praça o credito das armas castelhanas em Catalunha, fundo-me na reputação que tinha entre nós sua nova fortificação. Por quanto depois de havermos levantado o sitio de Lerida, foi por ordem do principe de Conte o conde Broglio mestre de campo g.al occupar os postos principaes de Costatin, Salou, e atorre d'Ambarra que eu fortifiquei, todos em distancia d'uma légua pequena da Praça estando D.Francisco Tuttavilla mestre de campo g.al hoje duque de S. Jerman nella e estando com parte do exercito nesta empreza para tratar d'assedio D. João d'Austria, que ia com a armada para os reinos de Napoles e Sicilia, levantados meteu-lhe soccorro com que desistimos do intento, e nunca mais olharam os francezes para aquella praça, sendo que o marechal de Schomberg expugnou Tortoza deixando atras Tarragona.

Ao sobredito posso acrescentar que deve constar a muitos que quazi todos os engenheiros e soldados de fama que vieram servir a este reino reprovaram a fortificação de Cosmander em Elvas, e foram de parecer que em seu lugar se fizessem meias luas desatacadas para aproveitar

os muros, poupar fazenda e ganhar tempo sem diminuir a defesa e é certo que com o que nella se gastou, se houveram fortificado quazi todas as praças do Alentejo.

Suppostas estas couzas em favor e abono da minha planta, respondo as objecções de Luiz Serrão Pimentel:

1º Que as meias luas se defendem umas as outras se bem obliquamente com a mosquetaria conforme é a linha do recinto dos muros mais ou menos curvas; defendem-se dos muros e barbacam com artilharia e mosquetaria por linha rasante desde as baterias baixas que pretendo se façam com tal disposição que não serão vistas do inimigo senão assomado sobre a esplanada e contraescarpa opposta, para obrigalo a buscar esta fortificação com as mesmas circunstancias da arte que se observam as mais fortes; defendem-se por linha fixante de outro grande lanço de muros / e barbacam; defendem-se algumas com flancos legítimos capazes de artilharia a modo de baluartes; e as que não tem, se defendem de mais a mais com flancos baixos corridos desde a frente das meias luas até a barbacam, a modo das cortaduras que chamão os franceses coffres e capoeiras enterradas no fosso as quaes se emparão em uma estacada, e seus tiros são de grande defesa.

2º Que menor inconveniente é ter os angulos de 60 grãos que não serem bem defendidas as meias luas, e que sendo assim agudas se dão mais o lado e reciproca defesa umas a outras, e tomam melhor dos muros e barbacam, e não me mostrará Luiz Serrão Pimentel que semelhantes angulos como o são todos os das praças de quatro baluartes, e outros muitos em praças irregulares se arrumassem com a facilidade que diz; nem elle considera que ainda qua sahissee tão barata como elle quer a brecha nos ditos angulos, nunca poderá ser capaz de se ir por ella ao assalto, por terem os de dentro mais terreno para a defesa que os de fora para o accommettimento em razão de se irem alargando as linhas das frentes para dentro quanto mais se apartão do angulo, e pelo consequente sendo o posto e o numero dos defensores superior aos que podem caber pela brecha, o será tambem a força e a resistencia; e Luiz Serrão não sabe que a artilharia não serve para fazer brechas senão em praças que não teem rampartes e parapeitos á prova, e nas que os teem só serve de tirar as defensas e parapeitos, e só com as minas se intentam brechas nos terraplenos e estas fazem-se nas frentes e não nos angulos.

3º Se Luiz Serrão Pimentel considerara bem a variedade dos perfis que trazem os authores, e os que realmente se seguem quazi em todas as boas praças da Europa, não somente não achará que é o meu fora d'arte, mas que se prefere a todos os mais, e particularmente na pratica das ditas praças, e em todas as de Portugal, e se atentara bem na estampa 14.º o capitulo do 1.º livro das fortificações de Antonio de Villa, onde tomou o que traz na sua planta, vira ao longo do mesmo outro com a linha superior do parapeito razante com o da esplanada que é o que elle impugna no meu, e é couza evidentíssima ser deste modo muito mais forte o parapeito por que o acolhem os tiros em cheio, e o achão em todas as suas partes á prova; o que não tem o que segue Luiz Serrão Pimentel, por que para descobrir a contraescarpa e fosso cahe no inconveniente de fazer

o angulo do parapeito tão agudo no alto, que poucos tiros bastão para o arruinar, e por conseguinte os soldados que o defenderem não estão seguros, como é patente na figura atraz, de ambos os perfis; nem aquella demasiada inclinação do parapeito vem a ser de nenhum prestimo, porque como sabem bem os que se acharam de perto em sítios, nunca um soldado para atirar se descobre a metade do corpo, como se requer para haver de atirar ao fosso; mas costumam encostar o mosquete sobre o parapeito e disparalo com pouca atenção, antes com muita em se não descobrir nem a cabeça, particularmente quando está o inimigo alojado sobre a esplanada com grandes mampostas de mosquetaria; e neste caso sendo a linha do parapeito mesma com a da esplanada ainda que disparem sem assomar podem offender o inimigo o qual desde a esplanada fura a estrada coberta e desce no fosso, por onde se ve claramente que não serve de nada descobrir o parapeito da dita estrada coberta cuja defesa e do fosso toca ao flanco e parte da cortina.

4.º se bem no meu perfil não dei mais de cinco pés de fundo ao fosso, não é isto parte para que depois de feitos estes não se possa ir fundando mais, e ninguém ignora que, quanto mais fundos são os fossos são melhores sendo defendidos dos flancos, como a Floriania de Malta que havendo principiado em pouca altura, pelo decurso de muitos annos se lhe tem aberto na rocha viva cento e oito pes de fundo, se bem nas nossas praças de Alentejo tem isto grandes difficuldades, e Elvas sendo a mais perfeita, em muitas partes não chega a ter os cinco pes, e em poucas passa delles; e em Olivença nunca chegou o fosso a ter os cinco pes em nenhuma parte, e eu tratei tambem de conformar o meu perfil ao que dizia no meu papel que em dois annos e por 90\$000 cruzados faria aquella fortificação, cousa de todo impossível se o fosso houvera de fundar na rocha viva mais dos cinco pes.

5.º digo que tenho alcançado por experiencia que as obras de pedra e barro são boas, mais breves e mais baratas de todas, onde não falta a pedra, e não deixão de ser muito seguras sendo bem obradas, e com um terço de escarpa; deste modo tenho feito o forte de S. Aleixo há doze annos, alguma parte das fortificações de Moura, todas as de Mourão, e outras, e novamente as de Alcoutin e Castromarim, aonde ha muro de mais de quarenta pes de alto por convir assim em partes para emenda do terreno com o peso de todo o ramparte às costas e até agora não se arruinou uma só pedra de todas estas obras, e é certo que é este material neste reino o único remedio ás faltas, de cabedal, de tempo, de céspedes e faxina na fortificação das praças. Luiz Serrão Pimentel depois de me provar este parecer diz com pouca atenção no seu papel que os baluartes feitos de terra somente se sustentarão bem, sem embargo do exemplo que ha em contrario nas muitas ruínas que houve nas fortificações de Olivença cuja terra diz era muito solta sem considerar que as de Campo Maior e todas as que se obraram na mesma forma tiveram o mesmo e peor successo, e que se gastou mais em remendos do que se desde a primeira vez se fizesse como era conveniente.

6.º que mal posso considerar nas meias luas os defeitos que noto nas cornas e coroas, pois é manifesto que onde estas servem depois de tomadas ao inimigo de um grande alojamento sem dar uma enxadada, são as outras barridas de modo dos tiros da praça em todas suas partes inferiores e exteriores que não pode o inimigo alojar-se n'ellas, senão derramando muito sangue e muito suor do corpo, pelo que vai muito a dizer de umas a outras.

E de parecer Luiz Serrão Pimentel que se fação baluartes de terra, e que se comece pela estrada coberta fazendo lhe um fosso a modo de trincheira de campanha, e diz que sera defendida duma fileira de mosqueteiros dos muros, e se podera sustentar assim ate esperar o socorro; e para bem encarecer a importancia desta fortificação afirma que foi de grande proveito aos Peloponenses e outras nações antiquissimas; na excellencia destes preceitos se encerra sua arte da qual os outros caressem.

Pudera elle lembrar se pois lhe falta a experiencia de outras occaziões haver visto se bem de longe ou ouvido dizer que o forte de S. Miguel no sitio de Badaios sendo de pouca guarda e circuito, defendido por 500 homens escolhidos não teve reparo contra tres horas de assalto de parte de nossa infantaria com ter vinte pes de alto, ao menos para acabar de entender que sua estrada coberta com a disposição referida não pode ser capaz não digo de esperar o socorro que diz, o qual depende de muitos dias e de forças superiores as do inimigo; mas nem de se defender uma so hora. Os fossos em estradas cobertas e invenção nova muito em favor do inimigo para se alojar nelles, e se algumas praças os tem são cheios de agua, que doutro modo são conhecidamente em prejuizo da praça, e por essa razão nunca se fizeram como diz Luiz Serrão. O exemplo do Peloponenses faz muito ao caso se em lugar de mosquetes granadas e outras armas de fogo uzarmos ainda de bestas como elles.

Os baluartes de terra so em Flandres se podem admitir onde falta a pedra; e demais de haver tepes ou céspedes, e ser o terreno muito unido, e cuberto o corpo das praças de boas meias luas e obras exteriores, das quaes fiam mais que da mesma praça, pela muita resistencia que fizeram em Mastric, Breda e outros sitios onde os baluartes não duraram quazi nada. Em Evora não ha faxina e os baluartes devem ter mais altura que as meias luas e obras exteriores pois as dominam, e devem ser mais dificultoso acesso, pois são apegadas ao corpo da praça, couzas incompativeis com a terra, e provavelmente poderá asucceder fazendo se os ditos baluartes, e vindo o inimigo a praça, achalos os mais imperfeitos, e servir lhe de aproches feitos, como succedeu com Mourão quando se restaurou, onde em duas noites guiei os aproches ate ao pe da barbacam com o favor e amparo de um baluarte principiado pelo inimigo, o qual nos serviu não somente de trincheira para cobrir nos do fogo da praça, mas tambem para as mampostas de nossos mosqueteiros, defeitos que não se podem considerar nas meias luas pelo que tenho ja dito.

Propoem de novo Luiz Serrão Pimentel uma planta para a fortificação de Evora a qual consta de dez baluartes e uma corna, e em lugar de citadella uma obra aberta para a praça que sendo de menos defensa, e de igual circuito menos sesenta pes.

Em segundo lugar diz que o seu desenho tem muito menor recinto, e circunferencia que o meu; e que sendo composto de baluartes reaes, e sem comparação mais avantajado.

Primeiramente digo que e indigna couza de um lente de Mathematica celebre entre os portugueses, havendo de furtar em claro a planta de Langres como fez, tirnado-a com papel oleado, não ter arte para sequer a reduzir a um terço, quarto, ou metade, para disfarçar o furto.

Ao mais digo, que fazendo se paralelo da sua com a minha, e medindo se ambas se achara, de quanto menor circuito e a mina, e assim atribuir o que diz, a erro de penna; pois a inda que incluísse na conta a citadella, não sendo obra mina, fora sempre muito maior a circunferencia da sua planta, como e fácil averiguarse. Mas tratando somente da fortificação da cidade, e deixando de parte a citadella que não e desenho seu nem meu, e preciso se faça pois Sua Majestade o ordena; acho que, calculando o numero de braças de toda a alvenaria por sua planta e perfil, vem a ser, vinte e seis mil novecentos e trinta e duas, sem contar o parapeito das rondas; e pelo computo do meu desenho, treze mil setecentos e vinte e nove, que e a metade menos, e do mesmo modo os terraplenos de seus rampartes e parapeitos a prova cubicados produzem o numero de dezoito contos trezentos noventa e oito mil duzentos e trinta e sete pes cúbicos; e os meus, quatro centos, novecentos e vinte e um mil, seiscentos e oitenta; que vem a ser, tres quartas partes menos, e pelo conseguinte importam seus terraplenos vinte cinco mil cruzados mais que os da mina planta, a tres reis cada pe cubico alto e baixo, que e a menor preço, sem contar a esplanada que excede a proporção; e suppondo que as paredes de ambos os desenhos se façam de pedra e cal, os seus passarão de quarenta mil cruzados mais, a razão de tres cruzados cada braça, sem contar as paredes da contraescarpa; e se se reducir o meu perfil a um quinto de escarpa, que e o que lhe basta para haver de ser os muros de pedra e cal, se achara ainda muito maior o excesso das braças de uma para outra: as contas referidas se provam por demonstração.

Ao segundo respondo, que se sua planta se compozera de baluartes bem flanqueados e descortinados, cobertos com meias luas formadas nos angulos rentrantes da contraescarpa, podera ser avaliada por melhor do que simplesmente com meias luas, ao parecer de alguns, com o contrapezo de tão excessiva despeza, e dando cazo que o tempo desse lugar a ella (o que e impossivel) mas de modo que se defendessem os ditos baluartes somente do segundo flanco dos muros, sem receberem os mais delles nenhuma defensa dos flancos, que teem em si a principal e verdadeira resistencia; a questão não chega a ser problemática e as meias luas são sem comparação melhores, porque ainda que tomem sua defensa dos muros, e de partes mais razantes e baterías baixas de artelharia, que não possam ser vistas como disse senão da contraescarpa opposta, sobre a qual havendo de vir o inimigo forçosamente para as haver de arruinar, e havendo o fosso como o disponho, estreito para a ponta e angulo das meias luas; e

largo para as espaldas como se ve nesta figura que e uma porção da minha planta de Evora, não sei eu como podera com cinco ou seis peças de que e so capaz a largura do fosso na ponte, assomar sobre elle sendo defendido de vinte e mais, que posso por nas minhas baterías. Este e o único contraveneno das minas e passagem do fosso, e mostra a razão que deste modo se pode igualar a força da resistencia com a violencia da ofensiva que ate agora prevaleceu, não havendo praças por fortes que fossem que destituídas de socorro, não se expugnassem nem baluartes que se defendessem, uma vez chegado o inimigo ao pe delles com minas, e as meias luas sim (como consta de muitos exemplos das ultimas guerras) em cujo favor acho outra razão urgente, e: que tomado um baluarte atacado aos muros, toma-se a praça, e tomada uma meia lua ficão ainda em pe os muros e barbacan, e as esperanças de a recuperar, e difficular ao inimigo a posse; e contra os que dizem que se pode fácilmente passar entre as meias luas, e assalta las por detraz, digo, que bem considerada, tal empresa tem muitas e grandes difficuldades; a saber: a expugnação da estrada coberta, a passagem do fosso com a posição das frentes das meias luas, da grande ala do muro e barbacan, e da estacada e cortadura baixa que já disse se havia de fazer em tempo de sitio desde a frente das mesmas até a barbacã.

De mais de se não franquearem os baluartes da planta de Luiz Serrão o que faz na Porta de Machede n.º 9 tem uma das frentes de 390 pés, e outra de 365 medidas que não me mostrará em nenhum autor, e logo os flancos de 90 pés. O baluarte que faz nos P.es da Camp.^a tem 210 pés de frente, um flanco de 130, e outro de 160; disporpoções descompassadas e inauditas; logo põe outro com 150 pés de frente entre os padres da – camp.^a e S. Bartolomeu, e assim os flancos de uns vem a ser maiores que as frentes dos outros; e do mesmo modo são os mais como se pode ver na planta.

O perfil consta de um muro de 30 pés de alto, parapeito de 24 de grosso e 6 de alto por dentro, com alinha superior inclinada ao pé da contraescarpa, e o terrapleno do romparte de 22 pés de alto, que é despesa supérflua da qual em lugar de utilidade resulta a ruina da praça como nota Dogen nos sítios de Mastrique e de Breda que se perderam por demasiada altura dos rompartes ou terrapanos. Antonio de Villa a condena sobre todas as cousas cap.º 31 do seu 1.º livro da Fortificação das praças, e no mesmo lugar reprova com dilatadas e eficazes razões os parapeitos de mais de 4 pés ou 4 1/2 por dentro; cousa que Luiz Serrão me estranha muito, e dá aos seus 6 pés de alto; a grossura de seus parapeitos é demasiada com 24 pés, pois 18 fazem o mesmo efeito como sabem os praticos. O caminho das rondas, falando geralmente é tambem escusado, e não se fazem nenhuma fortificações de 20 annos a esta parte por sua muita despesa, e pouca utilidade; e no caso de Evora é totalmente supérfluo, pois não servindo mais que fora da occazião de sitio, cessa sua necessidade na dita praça: pois não necessita mesmo de ser guardada de noite, por ser muito pela terra dentro se não em cazo que o inimigo lhe venha actualmente pôr sitio; e então são mais de prejuízo os caminhos das rondas que de proveito, como é notório em razão das baterias que se poem contra as defesas.

Pareceu-me convinha igualmente ao servilo de S. Mag. De e a meu credito procurar com este se bem tosco e breve discurso de soldado, o desengano em quem fosse preocupado das razões sofisticas de um homem meramente theorico e tão alheio da pratica que não soube no sitio de Badajoz deliniar uma estrella e um reduto de terreno como é sabido de muitos. Évora 26 de dezembro de 1661, Pedro de Santa Colomba».

Documento 17

1663, julho, 21, Lisboa

Carta do Rei (assinada pelo Conde de Castelo Melhor) sobre a brevidade da obra na fortificação de Évora

[Arquivo Distrital de Évora, Livro 8.º dos Originais da Câmara, fl. 234]

Juiz, vereadores, e procurador da Camara da cidade de Evora, eu El Rey vos envio muito saudar. Chega noticia de que muitos moradores dessa cidade se saem della com suas cazas, e se isto se continuar ficara ella sem aquella povoação e esplendor antigo, que eu tanto dezejo continuar a acrescentar, como parte tão principal de meus Reynos, e que tanto os enobreçe. Pelo que vos ordeno, que logo que receberdes esta minha carta chameis a Camara, não so toda a nobreza mas todo o povo, e façais presente o sentimento que tenho nesta matéria, e lhes digais que fica de partida o mestre de campo Agostinho de Andrade Freire a superintender na fortificação, que mando fazer com toda a brevidade, e em seu seguimento hira logo hum governador que nomearei para essa praça pessoas de tais qualidades que de si toda a satisfação, assi na paz, como na guerra, em caso que o inimigo tornasse a intenta la, o que não se atrevera a fazer com a experiencia do passado, e principalmente sabendo que esta tão fortificada e prevenida, como estará brevemente. E finalmente asegurareis a todos, que hei de ter tanto cuidado de todas as conveniências dessa cidade e de seus moradores como he razão, com que se pode esperar, que folguem elles muito de abitar huma terra tão opulente. Dentro de poucos dias me mandareis informar, por ministro, que a isso hera particularmente, do procedimento de todos esses moradores, porque assi como convem estranhar com castigos os excessos, quero tambem conhecer os bons ânímos dos que me servirão e servem, para lhes fazer merçe (...).

Documento 18

1663, julho, 24, Lisboa

Carta do Rei (assinada pelo Conde de Castelo Melhor) sobre a fortificação de Évora

[Arquivo Distrital de Évora, Livro 8.º dos Originais da Câmara, fl. 226]

Juiz, vereadores, e procurador da Camara da cidade de Evora, eu El Rey vos envio muito saudar muito a vossa custa tendes experimentado os danos da falta da fortificação dessa cidade, e porque desejo vos não torneis a ver em semelhante aperto, mando Agostinho de Andrade Freire, General da Artilharia dar calor a esta obra. Encomendo-vos o ajudeis, e lhe assistas de maneira, que possa o seu cuidado e industria vencer o que há tanto se procura, que he ver essa çidade, na boa deffença, que convem.

Documento 19

1663, setembro, 3

Consulta do Conselho de Guerra para que o Rei concedesse a Luís Serrão Pimentel o cargo de Engenheiro mor do Reino.

[Lisboa, Torre do Tombo, Conselho de Guerra, Consultas, maço 17] – publicado por Sousa Viterbo, in *Dicionário Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores*, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Diz o lente da fortificação Luis Serrão Pimentel que elle serve a Vossa Magestade desde o ano de 1641 ate o presente na paz e na guerra servindo muitos annos de Cosmographo mor do Reino e lente de mathematica, ensinando e examinando os pilotos, sota pilotos e mestres (...) depois disto serve ha annos de lente da fortificação e castrametação que Vossa Magestade lhe mandou ler, deitando da Aula engenheiros que hoje estão servindo a Vossa Magestade com satisfação na Beira, Minho, Alentejo, Setubal, Peniche e nesta cidade, e agora no sitio de Evora andarão nos approxes sinco discípulos do supplicante com muita satisfação. Foi o supplicante encarregado dos approxes de Sam Bartolomeu bem junto do fosso, e pela parte do Carmo ate arrimar mantas a muralha e a começar a picar, as quais assistio e ajudou tambem um discípulo do supplicante, e o capitão engenheiro Antonio Rodrigues, passando todos grande risco pellos muitos artifícios de fogo, bombas e granadas, com que o inimigo se defendia, dous discípulos do supplicante Bartolomeu Zeni e Francisco João da Silva fizeram o approx de junto a Porta de Machede, ajudando os o engenheiro Adam Francisco de Pontes, examinado pelo supplicante. Achou se nos sitios de Badajoz e Elvas, nas batalhas de Sam Miguel, das linhas de Elvas, sahindo com a gente de dentro, na memoravel do Canal pelejando em hum dos primeiros batalhões, e depois que se passou palavra a infantaria puxando por muitas mangas que vinhão chegando e metendo as na pelleja fazendo nesta parte officio de tenente general. Na refega do ribeiro de Val de Sevilha junto a Badajoz, na tomada do convento de Sam Gabriel, na refega de o Degebe junto a Evora, onde fortificou o quartel que se tomou depois da pelleja. (...) No anno de 1661 foy fazer a planta de Evora por mandado do conselho que nelle entregou, e outra vez no de 1662 com o conde de Mesquitella, que tambem entregou no Conselho, e foy com grande despesa sua as praças de Villa Viçosa, Terena, Monsaraz, Mourão, Elvas, Campo Maior, Aviz, Crato, Portalegre, Alegrete, Marvão, Castello de Vide e Nisa, dando ordem, em todas aos engenheiros do que se havia de fazer e emendar naquelas praças. Foy agora de Estremoz a Evora por ordem do conde de Villa Flor a riscar a fortificação no terreno, que deixou riscada aproveitando o que pode do que o inimigo e Silincourt havião feito, deixando la hum discípulo para se dar a

execução com outros muitos serviços, e porque o supplicante pretendia o cargo de Engenheiro mor do Reino que foy de Fellippe Tercio, Lionardo Turriano e Diego Turriano, e foy nelle consultado, subindo a consulta em 14 de Novembro de 1661, a qual se perdeo em cima, e nem se achão os pareceres dos conselheiros que nella votarão para se reformar por mais dilligencias que na secretaria se fezerão, nem ha registo por onde se reforme por se não registarem as consultas de muitos tempos a esta parte, mas estarão lembrados os conselheiros Ioanne Mendes de Vasconcellos e Pedro Cesar de Menezes que são dos que estam assistir no Conselho e mais o conde de Soure, o secretario Francisco Pereira da Cunha e official maior João de Mattos, e he este cargo devido ao supplicante por ser lente da cadeira de Fortificação, deitar da Aula engenheiros, examinar por ordem de Vossa Magestade despacha os que o supplicante aprova, despede os que aprova, fiando delle matéria de tanto porte, e não he justo que com o soldo que o supplicante tem para ler a cadeira va servir no exercício de engenheiro nas occasioens de guerra, perigo e gastos, sendo que o supplicante nem tem soldo nem patente de engenheiro pella não aceitar de engenheiro ordinario, merecendo por sua sufficiencia e serviços o de Engenheiro mor, nao obstante o que, no exercicio o faz com toda a satisfação, risco de sua pessoa e gasto de fazenda nas jornadas por tanto

Pede a Vossa Magestade seja servido fazer lhe merce do cargo de Engenheiro mor do Reino com 64 reais de soldo por mês que tinha Langres na Tenencia Geral da Artilharia desta cidade sem embargo do Decreto que ha para ali se não assentarem soldos por ali haver sido o de Langres, e sustento de palha e sevada para hum cavallo no assento que esta feito para a cavalleria desta cidade com obrigação de o supplicante ler a cadeira, pois por ser o supplicante Portuguez não deve desmerecer, nem aos estrangeiros deixa Vossa Magestade de fazer merce, como fez a Langres e Santa Colomba de habitos e tenças, a Lassart e Tamaracu de comendas, e a outros outras merces, e a Silincourt que fez se sabe dava Vossa Magestade 80 reais de soldo cada mez na mesma tenencia da artilheria, que parece devem agora vagar, e sustento para dous cavallos. Pede tambem o supplicante o posto de Tenente General com exercicio em qualquer parte que o supplicante estiver na conformidade que Vossa Magestade o concedeo a Pedro de Santa Colomba, pois o supplicante o tem exercitado em effeito na guerra viva e lhe he necessario para ser melhor obedecido nas materias da fortificação. E recebera merce//

Documento 20

1663, Setembro, 9 – Lisboa

Carta sobre a necessidade de assistir em Évora

[Lisboa, Biblioteca da Ajuda, 51-VI-26 (132), fl. 37]

Conde Amigo eu El Rey vos envio muito saudar pellos serviços que os capitães Roque Antunes Correa, e João Tavares Roldão me tem feito nesse exercito foi servido nomeallos por ajudantes de Thenente Militar de Campo General, de que se lhe passarão patentes sem embargo de estar completo o numero deles que costuma haver, por quanto são necessarios para assistirem em Evora com o Conde de Vimioso meu muito amado sobrinho, e do meu Conselho de Guerra, o qual mando governar aquella cidade, e tratar de sua fortificação; do que me pareceo avisar vos, e diser vos juntamente os facaes hir ao dito Conde. Escrita em Lisboa a 9 de setembro de 1663.

Rey

Documento 21

1663, Setembro, 13

Decreto da patente de ajudante de Fortificação a Francisco Pardo de Osório, que era discípulo de Luís Serrão Pimentel

[Lisboa, Torre do Tombo, *Conselho de Guerra*, Decretos, maço 22, doc. 111]

Pelo Conselho de Guerra se passe Despacho do supplicante para hir assistir nesta Fortificação com dez mil reis de soldo por mez pagos neste effeito da mesma Fortificação. Em Lisboa a 13 de Setembro de 1663.

Diz D. Francisco de Ozorio Alferes de hua companhia da Ordenança desta cidade que Vossa Magestade por ordem do Secretario de Estado Domingos Antonio de Souza de Macedo he servido que elle supplicante na assistir as fortificações da cidade de Evora por ter suficiençia e aver sido dos do partido que aprendem com o lente Luís Serrão Pimentell, e ja tem assistido ao trabalho das mesmas fortificações de Evora onde foi assistir por ver trabalhar e se exercitar na pratica e no tempo que nella assistia a veio sitiar o inimigo, e elle supplicante assistiu com grande risco e trabalho como consta da certidão que oferece, e esta prestes para ir servir a Vossa Magestade, com o zello de vosso vassalo. E vossa Magestade costuma dar aos que saem da Aula para este exercicio dos mil reis cada mez de soldo com o posto que he servido como fez a varias pessoas, e des mil reis de ajuda de custo, e lguns [SIC] a vinte pero o caminho como foi a Pedro Gomes Pereira.

Pede a Vossa Magestade lhe faça merce do soldo de dez mil reis cada mes de soldo pagos no dinheiro das fortificações da diita cidade e a patente de Cappitao adonorem, e vinte mil reis de ajuda de custo como se tem feito a outros momentos. E recebera merce//

Documento 22

1665, s.l.

Luís Serrão Pimentel desenha a fortificação de Évora

[Lisboa, Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso VI, livro 20, fol. 129]

(...) Na recuperação de Evora se encaminhar os aproxes da parte de S. Bartolomeo e Carmo, athe se arrimarem as mantas na muralha, retirando se acabada a estes cortes, tornar o mesmo anno [1662] duas vezes a Evora a desenhara planta para se por em execução a obra como tão bem a de Aviz (...).

Documento 23

1669, abril, 20

Carta de Tença a Luís Serrão Pimentel

[Lisboa, Torre do Tombo, *Registo Geral de Mercês*, D. Afonso VI, Livro 11, fl. 85v. – 88v.]

/fl. 85v./ Dom Pedro *etc.* faco saber aos que esta minha carta de padrão virem que sendo respeito aos serviços de Luís Serrão Pimentel feitos a esta Coroa desde Outubro de seiscentos quarenta e hum athe Abril de seiscentos sessenta e sinco nos cargos de Cosmographo mor do Reino /fl. 86/ de lente de cadeira das fortificações e castrametação na Aulla da Matematica em a Ribeira das Naos desta cidade, de Engenheiro mor do Exército do Alentejo e Thinente [SIC] General da Artelharia obrando com cuidado os primeiros annos na doutrina dos pilotos e mestres para clareza das Navegações fazendo novos Regimentos e Cartas de Marear, assy no modo inglez como no françes pera com mais industria segurar as Armadas que forem a França, ao mar Mediterraneo e Italia. E da mesma maneira mostrar por um manifesto os erros do Regimento da Navegação Antiga que sendo visto e examinado, se emendou na forma por elle apontada e criando juntamente muitos diçipollos, muy scientes na navegação e desenhar nas fortificações, alem de que passando a Alentejo o anno de seiscentos sincoenta e oitto asestir na campanha de Badajos ao trabalho das fortificações e ganhar os postos (...)/fl. 86v./ os annos de seiscentos sesenta e hum e o de seiscentos sesenta e dous passar tres vezes ao Alentejo pera formar a planta da Fortificação de Evora. E emmendar as fortificações das maes praças da provincia e o seguinte anno de seiscentos sesenta e tres asestir na de Elvas e tornar ao depois a incorporarçe com o eixerçito [SIC] se achar no recontro do Degebe. Em que dezenhou a mayor parte da artelharia com que o nosso eixerçito [SIC] se cobrio a vista do jnimigo mostrando depois na Batalha do Ameixial grande despuçiscão no reforsar da cavalaria com mangas de /fl. 87/ (...) de mosquetaria e guinadoas aos postos aonde se havião de dar as cargas, na recuperação de Evora emcaminhar os aproxes da parte de São Bartolameu e Carmo ate se arrimarem as mantas na muralha, ritirandosse acabada a ocasião a esta Corte, tornar o mesmo anno duas vezes a Evora e desenhar a planta pera se por em execução a obra como tambem a de Avis a cuja fortificação asçestio, e o anno seguinte de seiscentos sessenta e quatro, tornar ao Alentejo pera o mesmo effeito deixando alguns diçipulos em varias praças por lhes não poder ascestir em rezão de acompanhar o eixerçito, quando foy sobre Alcantara em cujos ataques e batarias obrou com grande aserto finalmente hir a Beira fazer orçamento em adição da obra e assy nas ocasiões definidasde que foy encarregado e asçistença continua que fas na lição da cadeira com que se tem apurado muiyto a marcação e arte das fortificações evitandosse com isso

muita despeza que fazem no Reino os estrangeiros proceder com tam grande satisfação como /fl. 87v./ he notorio houve por bem de lhe fazer merce alem de outras de sincoenta mil reis de tença effectiva pera elle em sua vida consignados e confiscados por conta dos quaes lhe mandey nomear por portaria de doze de Janeiro de seiscentos sesenta e oitto vinte quatro mil e treze reis em juro que apontou ao Conde de Villa Flor auzente do Reyno no Almoxarifado de Beja e depois por ter sessado com a capitullação da pas de Castella essa consignação lhe mandey assentar nos almoxarifados ou cazas do direitos reaes onde ouvesse lugar cabendo, sem prezuijo de terseiro, e tendo hora respeito ao que se me representou pela parte do dito Luís Serrão Pimentel hey por bem fazer lhe merce e conservar lhe os ditos vinte quatro mil e treze mil reis de tença na Alfandegua da Villa de Aveiro (...).

Documento 24

1671, dezembro, 14

Carta de nomeação de Luís Serrão Pimentel para o ofício de Cosmógrafo-mor do Reino

[Lisboa, Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso VI, L.º 29, fl. 167-167v.]

/fl. 167/ Eu El Rej faço saber aos que esta minha carta virem que tendo concideração aos serviços a Luís Saarão [SIC] de Pimentel haver sevido [SIC] o cargo de Cosmographo mor alguns annos nos impedimentos de Antonio de Maris Carneiro que foy proprietario d'elle, centrar a exercita llo por sua morte e haver feito os Regimentos Reformados da viagem da India por se achar o antigo erado e o da viagem de Itallia pello não haver daquelles mares sendo chamado pera as juntas que mandey tocantes a navegação servindo tambem o cargo de Engenheiro mor do Extreito e Provincia do Alentejo. Ler na Aulla da Ribeira das Naos a arte de mathematicas, navegação, fortifficação [SIC] castra, metacaõ expugnação das praças, proceder (...) com zello de meu serviço e notória satisfação pella ciência e experiencia que /fl. 167v./ que tem destes particullares e a mais que por sua arte se me representou. Hey por bem e me praz de lhe fazer merçe da propriedade do dito cargo de Cosmografo mor com a obrigação de ler na Ribeira das Naos a arte de mathematica. Hey por bem e me praz de lhe fazer merce da propriedade do dito cargo de Cosmografo mor com obrigação de ler na Ribeira das Naos a arte mathematica [SIC] e navegação e passar as fronteiras todas as vezes que for mandado. Com o dito cargo havera de mantimento cada anno sesenta mil reis que lhe serão pagos na Mesa dos Vinhos desta cidade e tres mojos de trigo no Almojarifado da Malveira que he o ordenado do dito cargo e outrosy tivera mais com elle em sua vida somente cento e dez mil reis cada anno que lhe serão pagos pello Consullado e pellos Armazens de Guine e India, os quais lhe mandey acrecentar por ser servissos e merecimentos com satisfação de mayor soldo que vincia com o posto de Engenheiro mor da Provincia do Alentejo, que fica extinto, e havera os mais proes e percalços que directamente lhe pertencerem pello dito cargo e gozara de todos os previllegios liberdades e isenções que lhe tocarem por elle. Esta merçe lhe faço com declaração que havendo eu por serviço d'othorizar ou extenguir em algum tempo lhe não ficara por isso minha fazenda obrigada a satisfação alguns. Pollo que mando aos Vedores de minha Fazenda lhe deixem servir e exercitar o dito cargo como directamente he, asi e da maneira que o fizerão os Cosmografos mores seus antecessores e levar o dito ordenado e acrescentamento nas folhas a que tocar pera lhe ser pago do dia em que tomar posse dianta a qual se lhe dara no Conselho de minha Fazenda e na chancelaria o juramento dos Santos Evangelhos que bem e verdadeiramente o sirva

guardando em tudo meu serviço com direito as partes de que se fara asiento nas costas desta carta que por formera [SIC] lhe mandei dar por my asinada e cellada com cello pendente de minhas armas e se registara nos livros de minha Fazenda Chanselaria e merces que faço e ordeno (...)//

Documento 25

1682, abril, 20 - Lisboa

Regimento para a Fortificação da cidade de Évora

[Lisboa, Torre do Tombo, microfilme x, fl. 239-245v.]

/fl. 239/ Eu o Principe como regente, e governador destes Reynos de Portugal, e Algarves faço saber aos que este Alvara de Regimento virem, que mandando eu escrever a Camera da cidade de Evora por carta de treza de Março de mil, e seiscentos, e setenta, e nove o quanto convinha a meu serviço, e a propria defença dos moradores da ditta cidade fortificar se aquella praça, para cujo effeito devião concorrer com consignaço para a despeza: assentarão em dous de Abril do ditto anno que contribuirão com hum real que novamente impunham no pescado, mandando eu aplicar o real d'agoa das fortificações do Reyno os sobejos dos estanques de papel, pólvora, e monição, e sal, que se assentou para pagamento do usual dos prezidios, e depois se confirmarão por Alvara de dezouto de Agosto do mesmo anno; e o mais que eu fosse servido consignar o qual merito aprove; e lhe mandei aplicar o real d'agua da ditta cidade, e sua comarqua do primeiro de Julho de mil, seiscentos, settenta, e nove em diante (excepto de extremos, que se despende na sua fortificação) e dous mil cruzados do rendimento das terças por carta de vinte, e hum de Agosto do mesmo anno. E porque convem que na cobrança dos dittos efeitos, e despeza deles se proceda com toda a exacção, e arrecadação mandei passar este Alvara de Regimento pello qual se hade proceder na forma seguinte:

Sobre a Superintendencia

A Superintendencia destas obras tenho encarregado ao Arcebispo por carta de vinte e hum de Agosto de mil, seiscentos, settenta e nove que terá sobre ellas a mesma jurisdição, que tem o Governador das Armas nas fortificações das mais praças della, e no tocante a esta particular hande estar a ordem do ditto Arcebispo o Governador daquela praça, e mais officiaes da melícia della, o Corregedor Provador, Juis de Fora, officiaes da Camera e de Justiça, e todos forão dar e darão comprimento as ditas ordens sem embargo de quaisquer leys, regimentos, e ordens que o contrario disponhão por assim convir a meo serviço, para o que nas ordens se incorporará este capitulo (capit.º) de Regimento.

Ao Arcebispo Superintendente convem, e pertence saber os efeitos se se [SIC] cobrão a seos tempos devidos, se as obras se fazem com cuidado ajustadas com /fl. 239v./ a planta do Engenheiro, mandar arrematalas em praça publica, e medilas pera com a sua autoridade se

proceder com verdade, e acerto; mandar por seos despachos dar aos empreiteiros dinheiro por conta das obras na forma dos contratos, e passar os mandados para se levarem em conta ao Thezoureiro o que despender, sendo primeiro por elle examinados os papeis, e havendo que emendar sobre estes particulares o fará fazer, e quando seja necessario dar-me conta o fara pella Junta dos Tres Estados.

Sobre o Védor

Para o expediente dos negocios da fortificação hade haver hum Védor pessoa de autoridade, respeito, e intelligencia, para o que a Camera elegera tres sujeitos, cuja eleição remettera a Junta dos Tres Estados, para se me consultarem e eu mandar nomear o que me parecer, e o provimento se hade fazer por tres annos, e indose acabando o ditto tempo, mo fará prezente o Arcebispo, pella mesma Junta e do seo procedimento, para conforme a elle o mandar continuar, ou fazer nova eleição de outro sujeito, e tambem por falta do provido por outra couza; o qual Védor não levará ordenado, nem selario algum, mas eu lhe haverei por serviço o que obrar neste particular para lhe mandar fazer a merce, que for servido.

Ao Védor pertence o expediente do negocio da fortificação, e sua despesa assim pello groço, como pello meudo; passar as ordens necessarias para que nas praças publicas da ditta cidade, e nas terras da comarca se apregoar as obras de empreitada, que se hande fazer, sinalando se tempo da arrematação, assistir a ella, ser muito vigilante, e cuidadoso em ver todas as obras, que se fazem, se vão com toda a perfeição na forma dos contratos, e plantas, mandar comprar os materiaes necessarios aprovar os preços e dar os despachos para os pagamentos, averiguar se o apontador procede com satisfação, vendo lhe o livro do ponto todas as vezes, que lhe parecer; e se o thezoureiro, e escrivão fazem sua obrigação, dando de tudo conta ao Arcebispo, para que havendo, que emendar, o mande fazer, e castigar os culpados comprirão, e corderações pera as obras athe quantia de quatro mil [reis/cruzados] conforme a qualidade da culpa fará o Védor fazer os Authos necessarios pello escrivão.

/fl. 240/ Sobre os mais officiaes, que anda haver, e livros

Havera hum thezoureiro pessoa ricca e abonada eleita pello officiaes da Camera para servir tres annos, no fim dos quais hade dar conta na contadoria geral de Guerra, e Reyno com relação jurada, e teza de soldo cada mês sinco mil reis e parecendo se lhe deve tomar fiança a decima parte do seo recebimento na forma do Regimento de minha fazenda se lhe tomara pello Védor, sendo primeiro abonada pella Camera, sem embargo de que tambem os officiaes della que a elegerem, ficão tambem obrigados por seos bens a falta que houver; e no fim dos tres annos nomeara a Camera outro sujeito pera servir outros tres na mesma forma, para o que acabar lhe

fazer a entrega da caza, e poder dar sua conta; ao Védor terá cuidado de lembrar a Camera os provimentos a seos tempos, para que não haja falta.

Nomeara a Camara sujeito de autoridade, e capaz que sirva de escrivão da receita, e despesas, e mais expediente das ordens dos negocios desta fortificação, o qual vencera de soldo por mez quatro mil, e outocentos reis.

E havendo obras de jornal sera necessario apontador, que sera nomeado pello Arcebispo pessoa de cuidado, e intelligencia, e bem procedida, por ser este officio de muita confiança, o qual sera apontado nas ferias com o selário, que vencer hum official por dia, pello tempo, que houver obras de jornal.

Havera sinco livros do tamanho que parecerem necessarios, hum hade servir da receita, e despesa do thezoureiro com seos titulos divididos: outro da ementa com os empreiteiros e mais pessoas, que fizerem obras pera a fortificação tambem com seos títulos: outro dos contratos do registo de finanças: outro do registo de mandados, e ordens; e outro pera o porto dos officiaes, que trabalharem de empreitada; e todos hande ser numerados, e rubricados pello Védor com seos enserramentos no fim das folhas, que cada hum tiver.

Sobre a cobrança dos efeitos

Os arrendamentos do real d'água, hade fazer o Provedor da comarca assy da cidade, como das mais terras da comarca por todo o mes de Dezembro do anno antecedente na forma de seo regimento e não chegando os lanços aos preços do arrendamento, que acaba, o não arrematará, e me dará conta pella Junta dos Tres Estados com toda a clareza para eu mandar o que for servido. E por todo o mes de Janeiro seguinte de cada hum anno mandara o Provedor ao Védor certidão resumida dos arrendamentos delle com destinação das terras, quantias, e nomes dos rendeiros, e seos fiadores, e tempos da obrigação para se cobrar o dinheiro e ficando alguma terra por arrendar, e se faça a cobrança por ordem da Camera, terá o Provedor grande cuidado de averiguar o rendimento na conta que tomar, não consentindo descaminho, nem divertimento algum (...) da mesma maneira fara o Provedor o arrendamento do real d'água que de novo se impos no peixe para esta fortificação pella Camara da cidade de Evora (...). Tomara o provedor contas dos eslanços do papel, pólvora, muniçam e sal, fazendo entregar deles o que for necessarios pera a satisfação do capitulo dos uzuais.

/fl. 241/ Forma das receitas

Em tantos de tal mês, e anno carrego em receita ao thezoureiro da fortificação serão tantos mil reis ----- x que recebeo de secripvão (?) rendeiro do real d'agoa de tal terra aplicado a

fortificação desta cidade de Evora, que he a quantia, porque lhe foi arrandada tal anno (ou de tal quartel tantos mil reis, de seo arrendamento).

Forma do conhecimento em forma, que se hade passar ao rendeiro

A [folha] tantas do Livro da receita, e despeza de escrivão tesoureiro de fortificação desta cidade de Evora lhe ficão carregados tantos mil reis ----- x que recebeo de escrivão rendeiro do real d'agoa de tal terra aplicado a dita fortificação, que he a quantia por que lhe foi arrandada tal anno (...) e da dita receita se lhe passou este conhecimento em forma pera sua descarga feito por my escrivão do cargo do dito thezoureiro (...).

O Arcebispo e Védor não mandarão despende quantia alguma dos efeitos da fortificação, por pequena que seja fora das obras della, e suas dependências, nem o thezoureiro dará comprimento as ordens em contrario deste Regimento; porque se lhe não hande levar em conta, e quem obrigar ao thezoureiro ao comprimento dellas, ficará obrigado a lhe pagas as ditas quantias por seos bens de mais de me haver por mal servido.

Sobre as obras da Fortificação

As obras se farão por arrematação de preços certos por braças pondo os mestres todos os materiaes, excepto a cal, que so esta se hade dar por conta da Fazenda Real, pello risco, que tem correndo por conta dos empreiteiros não lhe deitarem toda a que he necessaria, escuzandosse /fl. 241v./ tudo o que puder ser fazerem de jornal, e darse lhe os mais materiaes, e ferramentas pellos descaminhos, que sucedem; as quaes arrematações se farão em prezença do Arcebispo; e hande assistir o Védor; e o Engenheiro, que fes a planta, ou outro que faça as declarações, e explicações della, que será das alturas, grossuras, e escarpes, que hande ter athe assentado o conda(?); e se o empreiteiro hade assentar a pedraria dos angulos, que sempre sera conveniente seja a pedra por sua conta, e se lhe hande dar os alicerces abertos, cujas alturas terá o Védor cuidado de fazer tomar pello Engenheiro, e escrivão antes, que se comece a parede, pella incerteza, que tem o vão dos alicerces em razão de se dar muitas vezes em pedra, ou em cascalho, em que assenta a obra, o que o escrivão assentara no Livro da Ementa no titulo do empreiteiro, a que tocar, pera se conferir ao tempo da medição da obra: e tambem se declara na arrematação, que os empreiteiros serão obrigados a darem toda a obra segura por sua conta anno, e dia depois della acabada e medida; e tudo se exprimira nos termos da arrematação, que fara o escrivão da fortificação no Livro, a que pertencer assignado por todos, e pellos mestres; e terão a mesma força, e vigor, que tem os contratos feitos pellos taballioes de notas, pera o que me concedo toda a jurisdição necessaria neste particular, estando a planta, em Dezembro em poder do Védor, dando se a copia della aos empreiteiros pera obrarem.

Os empreiteiros hande dar fiança ao dinheiro que receberem, e a segurança da obra, as quaes hade tomar o Védor, e se registrarão no Livro a que toca pello escrivão, que guardara tambem as próprias, e as terá a bom recado pera quando necessarias, e se nottara o registo a margem do contrato.

Recebeo escrivão mestre empreiteiro da obra de tal baluarte cortina etc. de escrivão thezoureiro das fortificações tantos mil reis ----- x por conta da ditta obra por Despacho do Arcebispo Superintendente della de tantos de tal mês, e intervenção do Védor escrivão (...).

E quanto as fianças não sejam, nem pareçam muito seguras, e que as obras que o empreiteiro tem feito não merecem o dinheiro que tiver /fl. 242/ recebido, e elhe nom dará outro sem primeiro se fazer orsamento delle, de que passara certidão o Engenheiro, para que havendo nelle dolo se haver por sua fazenda o damno (...).

O Arcebispo Superintendente visitara todas as vezes que puder as obras, que se fizerem, e o Vedor o fara muito a meudo, e o Engenheiro assistira todos os dias a ellas, e achando que os empreiteiros as não fazem na forma do contrato, e planta, darão conta ao Arcebispo pera a fazer emendar a custa dos dittos empreiteiros.

Finda a obra de algum baluarte, ou cortina, e estando capaz de medir se fara a medição pello Engenheiro, que se ordenar com assistencia do Arcebispo Superintendente, Vedor, escrivão e mestres, ou seus erdeiros (...).

Dandosse alguns materiaes aos mestres não havendo de fazer por conta da Fazenda Real, mas pella dos dittos mestres, /fl. 242v./ e conforme os contratos deve ser pello mesmo custo, que fizerem carregando se a sua importancia aos mestres no Livro da Ementa, e desse dinheiro se não hade dar despeza ao thezoureiro pella ter pella compra, mas hadese descontar aos mestres na importancia da obra fazendo se menção della na conta mandado, e conhecimento de recibo, e pondo se as verbas necessarias no Livro da Ementa (...).

Os foços tambem se hande abrir por empreitada, pera se deitar a terra nos terraplenos, ou esplanadas, aonde for necessaria, devidindo se em esquadras a gente que houver de trabalhar nelles, sinalando lhe o Engenheiro o terreno que cada esquadra hade fazer por empreitada proporcionado a gente que tiver cada hum e que a possão acabar dentro em hum mês, e para se lhe medir deixarão balizar, os quais depois de feita a medição pello Engenheiro em prezença do Védor e escrivão de fortificação mandarão derrubar as ditas balizas passando certidão o escrivão assinada por todos a cada hum dos cabos do que importa a sua medição avaliando lhe o Engenheiro os preços por que se deve pagar cada pé cubico conforme a qualidade do terreno, e distancia, em que deitarem os terraplenos declarando se nella quantos pes, importou a quantia, que mostra o sitio em que se fes a empreitada, que foi na face travéz ou cortina de tal baluarte que olha pera tal baluarte, e que a terra se deitou em terrapleno, ou esplanada de tal parte, ou ficou a pedra no mesmo foço pera as obras da muralha ou fornos da cal na forma, que pello

Engenheiro for ordenado e ao pe da diita certidão se passara meudo (?) /fl. 243/ assinado pelo Arcebispo para se pagar e se tomara conhecimento.

E porque os homens que tomão semelhantes empreitadas são trabalhadores que não podem esperar o fim della, e lhe dará dinheiro a conta ao cabo com parecer do Engenheiro por despachos do Arcebispo e recibos do cabo, que tudo se recolherá quando se ajustar a conta, e se pagar a empreitada (...).

Se das empreitadas dos fossos sair pedra, que possa servir pera a muralha e fornos da cal se porá em arrecadação por receita (...) avaliando se a ditta pedra (...).

Parecendo conveniente que pera a fortificação se fação fornos da cal, se farão e a pedra pera elles se arrendara de empreitada dandosse hum tanto por cada bancada e na lenha se ajustara ajustando se hum tanto por cada fexe de matto; e com o mestre caeiro se ajustara tambem de empreitada por hum tanto de cada jornada; a enformar a pedra, cozer o forno e dezenformalo (...).

Havendo algumas obras de tijolo se declarara nos contratos o ponto que houverem de ter as abobedas, grossuras dos pilares, alturas, e tudo o mais, que se houver de fazer, e fazendosse tijolo por conta da fortificação, sera na forma que fica apontada sobre a calidade dandosse aos empreiteiros pello preço que correr na terra (...) e se lhe carregara o seo valor na Ementa para se lhe descontar no preço de rematação.

/fl. 243/ Os materiais que se comprarem para as ditas obras hande ser por ordem do Arcebispo, e intervenção do Vedor fazendosse relações deles com toda a destinação e clareza, das qualidades, quantidades e pezo (...).

E havendo alguma obra que necessariamente se deva fazer de jornal, por não poder ser, ou não haver quem a faça de empreitada se procurara os officiaes pera ella e sendo necessario obrigarlos, se passarão as ordens pello Vedor e quando não bastarem serão assinadas pello Arcebispo (...).

Os carretos dos materiaes se pagarão com certidões juradas do apontador dos dias que vencerão, e por mandados do Védor, e conhecimento de recibos e tambem se pagarão por mandados do Védor as mais despezas meudas tudo confirmado pelo Arcebispo se lançara em despeza no Livro com toda a clareza.

Dos materiaes da receita do thezoureiro que se despenderem na fortificação elhe hade dar despeza por certidoens juradas do apontador assinadas por elle, e pellos mestres com declaração, e apurado pello Engenheiro não tendo divida (...).

Da cal, que se gastar nas obras, hade ter despeza o thezoureiro por outras semelhantes certidões, e quando o Engenheiro fizer as medições das obras em prezença das pessoas que ande assistir a ellas se fara estima da quantia que leva cada braça a qual se conferira com a despeza da cal (...).

E quando se derem alguns materies aos empreiteiros pera elles os porem por sua conta nas obras conforme se ajustarem os contratos hade ser por ordens do Vedor, conhecimento de recibo dos empreiteiros e certidão da /fl. 245/ carga de seo valor na Ementa pera o desconto (...).

Dando se ferramentas e caminhos pera o trabalho das obras do Vedor que as entregara ao apontador debaxo de seos recibos (...) o apontador as dará aos mestres das obras tomando recibos (...) pera elles os repartirem das suas maos pellos officios (...).

E porque cada tres annos se hade tomar conta ao thezoureiro na Contadoria Geral de Guerra, e Reyno, como fica disposto neste Regimento, e o não poderá fazer se, entregue de caza ao sucessor, logo se prover o ditto sucessor se lhe entregara o dinheiro e materiaes com toda a clareza e distinção, com assistencia do Vedor, e escrivão, o qual carregara em receita ao sucessor o dinheiro a parte por hum assento, e os materiaes por outro (...).

Tambem se ajustarão as contas, que tiver com os empreiteiros fazendo se medição das obras que estiverem capazes, que se entende findo o baluarte, ou cortina; porque sem estarem acabados, se não devem medir aos pedaços; e ajustada a conta o que lhe ficarem devendo aos empreiteiros, se lhe carregara na nova conta, que se lhe armar no /fl. 245v./ Livro da Ementa do thezoureiro que lhe succeder (...).

Este Regimento se guardara como nelle se conthem sem embargo de quais leys, regimentos e ordens em contrario que todos hei por denogados como se deles se fizerem expressa, e declarada menção, ainda que se não apontem, e que se ofereça alguma couza que não se previna neste Regimento me dará o Arcebispo conta pella Junta dos Tres Estados, pera eu mandar o que for servido. E na mesma Junta e Contadoria Geral de Guerra, e Reyno se registara este Regimento, e nas mais partes onde necessario for. Domingos Ferrere Soares o fes em Lisboa a vinte de Abril de mil, seiscentos outenta e dous. Francisco Soares Nugueira o fez escrever//

Documento 26

1696, junho, 20 - Lisboa

Treslado da ordem da Junta dos Três Estados sobre a defesa da cidade de Évora

[Arquivo Distrital de Évora, Câmara de Évora - Livros de registos, Lº 140, fl. 190v, 191]

Dom Pedro por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves daquém e dalém mar, em África e senhor da Guiné, faço saber a vos oficiais da Camara da cidade de Évora que por ser conveniente a meu serviço e a defença desta cidade que as contribuições que se impuseram para a fortificação dela se administrem como convem e cobrem efectivamente para que cresca a obra de que tenho a presente mandado tratar com todo o cuidado: fui servido por provisão da data desta ordenação provedor desta comarca que daqui em diante tenha cuidado de arrendar a renda do sal dessa cidade apresada a dita fortificação com sua presença com todas as solenidades necessarias na forma de minhas ordens e que o arrendamento do real voluntario imposto ofere-se fora separado do real de agoa da coroa de que vos mando fazer este alvara para a terdes entendido e porque convem a a meu serviço saber se com clareza o rendimento que teve o real de agoa e a consecração das rendas dessa cidade e sua comarca nos annos antecedentes e o que ainda se esta devendo dos ditos efeitos desde o tempo que servio de repositório (...).

Documento 27

1758, junho, 21 - Évora

Memória Paroquial da Sé de Évora

[Lisboa, Torre do Tombo, Memórias Paroquiais, vol. 14, nº 111, pp. 807 a 884]

Resposta aos interrogatorios que por ordem do Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo se me entregarão para responder a elles pelo que dis respeito a freguezia da Sé desta cidade da Paroquia de que sou parochio.

(...)

25.º Interrogatorio

Se a terra for murada, digace a qualidade de seos muros; se for praça de armas descreasse a sua fortificação. Se ha nella ou no seu districto algum Castello ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente?

R. He murada, obra que principiou El Rey D. Affonso [...] continuou El Rey D. Pedro 1.º e acabou El Rey D. Fernando, tem os muros// (os muros) de circuito tres mil quatrocentos e sincoenta e dois passos erão para aquelles tempos capazes, porem hoje debeis e de pouca fortaleza para resguardarem a cidade, tinhão des portas, que erão as da Lagoa, Aviz, Moinho de Vento, Traição, Machede. Mendo Esteuens, Mesquita, Rocio. Raymondo, Alconchel, e erão guarnecidas de ameyas e torres não mui altas, que ainda existem, mas pouco dignas de memoria. Attendendo porem o Senhor Rey D. João 4.º, ao General das Armas o Serenissimo Senhor D, Theodosio á bebilidade dos muros desta cidade, ordenou se fizecem outros mais capazes e com effeito se principiarão junto a porta do Raymondo dandoce o nome ao primeiro lanço da muralha o do forte do Principe continuou esta obra por distancia de 858 passos que tanto vay desta á Porta do Raymondo ao sittio em que hoje esta sem adiantamento algum ha mais de 25 annos.

Há dentro desta cidade varias torres. A chamada das sinco quinas incorporada no Palacio dos Duques do Cadaval, e as duas da Porta de Moura incorporadas em cazas particulares todas tres fabricas do grande Sertorio, a torre de Giraldo dentro da cerca dos conigos seculares de S. João Evangelista unica reliquia que ficou do grande castello que havia neste sittio obra tãobem de Sertório destruido no tempo de El Rey D. João 1.º com a sua celebre torre a que chamão Mouxinha que hoje parece montanha de argamassa e das duas torres que mandou acrescentar aos mesmos muros de Sertorio o Rey godo Sizibutto tãobem incorporadas em cazas particulares, fora da cidade a torre ou atalaya em que o celebre Giraldo degoliou as sentinellas

dos mouros para senhoriar a cidade sitta no outeyro de S. Bento. Não he esta cidade praça de armas e so tem hum regimento de soldados dragoins.

26.º Interrogatorio

Se padeceo alguma ruina no Terramoto de 1755; e em que, e se esta ja reparada?

R. Ainda que se sentio vehementissimo e cauzou algumas ruinas, forão estas de pouca consideração, e todas se achão reparadas.

Documento 28

1818; s.l.

Legitimidade da posse de 4 baluartes pertencentes à antiga Fortificação da cidade

[*Praça de Évora*, Lisboa, Arquivo Histórico Militar]

Illustrissimo Senhor

O Trem Velho com o seu terreno adjacente hé o que por ora se manda entregar a Vossa (...) por quanto o Baluarte de São Francisco¹ de que Vossa (...) pretende a posse pello seu officio del decorrente, Sua Magestade permetio o usufruto ao (...) Felipe Neri, e sem a decisão do mesmo se não se pode dispor delle es aqui a decisão que recebi do illustrissimo senhor brigadeiro Inspector Geral. Datada de 7 do presente mez e portanto pode Vossa Magestade desde já dispor daquelle terreno como bem lhe parecer.

Tendo Vossa Excelencia Senhor Marechal General Marquez de Campo Maior, em consequência dos officios de Vossa Magestade, de 20, e 26 de Novembro do anno passado, mandado fazer as possiveis diligencias para conhecer a legitimidade da posse que o Dezebargador Felipe Neri da Silva Coutinho, tem dos 4 Baluartes que disfruta da antiga fortificação da cidade d'Evora, nada se tem podido conseguir pois nos Livros da extinta vedoria da provincia d'Alentejo não se acha registo da merce, nem do titulo da posse, e o mesmo acontece nos Livros da Camara da cidade d'Evora, por cujo motivo, sendo os ditos baluartes individualmente pertencentes á fortificação da cidade, e procurando-se d'aquelle terreno para a cultura de legumes, e ortalices para consumo das recrutas do depósito geral da cavalaria (...)//

¹ Designa o baluarte do Conde de Lippe, como baluarte de S. Francisco, por este se situar perto da Igreja com o mesmo nome.

Documento 29

1863, abril, 17; s.l.

Portaria sobre a demolição de portas extintas na muralha

[*Demolição de portas extintas na muralha*, Lisboa, Arquivo Histórico Militar]

Sua Magestade (...), conformando-se com a informação do commandante geral d'engenharia, exarada em officio numero cento trinta e sete, datado de quatorze do corrente mes, e formulado em face da correspondência que acompanhou o officio do commandante da setima divisão militar, numero setecentos oitenta e quatro de sete d'este mes, manda, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra, que o commandante da dita divisão militar passe az ordens necessarias para se permitir á Camara Municipal d'Evora o poder demolir a Porta do Rocio, e substitui la por outra que melhor harmonise com o contiguo Jardim das Amoreiras; assim como demolir as maiz portas existentes na muralha que circunda aquella cidade, reconstituindo-as por modo que se torne mais facil o transito publico, devendo todavia os trabalhos inerentes às demolições e reconstruções aludidas, ser executados mediante prévio acordo do commandante de engenharia da referida divisão militar com a mencionada Camara Municipal. Paço em 17 d'Abril de 1863//

ANEXO II – Glossário dos termos empregues no sistema abaluartado.

ÍNDICE DO GLOSSÁRIO

A..... lx

Abaluartada

Acesso elevado

Acesso curvado

Adarve

Alicerce

Ângulo

Ângulo da Espalda

Ângulo da linha rasante e flanco

Ângulo de flanco

Ângulo diminuto

Ângulo do centro

Ângulo do polígono

Ângulo flanqueado

Ângulo flanqueante

Ângulo flanqueado exterior ou Ângulo de tenalha

Ângulo flanqueante interior

Ângulo formaflanco

Ângulo reentrante

Ângulo sacado

Ângulo saliente

Ante-fosso

Aproches

B..... lxii

Baluarte

Baluarte destacado

Baluarte de orelhões

Baluarte duplo

Baluarte plano ou chato

Baluarte real

Baluarte regular

Baluarte simples

Baluarte tenalhado

Baluarte terraplanado

Baluarte truncado

Baluarte vazio

Banqueta

Barbacã

Barbeta ou barbete

Bastião ou bastilha

Bateria

Bonete

Brecha

C..... lxiv

Caminho coberto

Caminho de ronda ou falsa-brega

Camisa

Canhoeira

Contraguarda ou cobre-face

Capoeira

Casamata

Cavaleiro

Cestões

Cidadela ou citadela

Cisterna

Cobertura

Cobre-face

Complemento da cortina

Contraescarpa

Contrafortes

Contraminas

Cordão

Cornas/ Obras cornas

Coroa

Cortaduras

Cortina

Cubelos

D..... lxvii

Demigola ou gola

Distância dos polígonos

E..... lxvii

Escarpa

Escarpa exterior

Escarpa interior

Espalda

Esplanada

Estrada encoberta ou corredor

Estrelas

Extensão de face

Extensão do flanco

F..... lxviii

Face, fronte ou frente

Face prolongada

Falsa-braga

Flanco, traves ou espalda

Flanco encoberto

Flanco prolongado

Flanco secundário

Fortaleza

Fortificação

Forte de campanha

Forte em estrela

Fortificação irregular

Fortificação regular

Fortim

Fosso ou cava

G lxx

Galeria

Gola

Gosier ou gola legítima

Guarita

H lxxi

Hornaveque

L lxxi

Lados

Lado do polígono exterior

Lado do polígono interior

Linha capital

Linha de circunvalação

Linha de contravalação

Linha de defesa fixante

Linha de defesa rasante

Linha de espalda ou linha diretiva

Linha de tiro

M lxxii

Margem, lizira ou berma

Meio-baluarte

Meia-gola

Meias-luas

Merlão

Muralha

O lxxiii

Obras cortunas, cornas ou hornaveques

Obra corna

Obra exterior

Obra exterior do sitiado

Obra exterior do sitiante

Orelhão

Órgãos

P lxxiv

Padrasto

Paiol

Paliçada

Parapeito

Parapeito da estrada encoberta

Parapeito da falsa-brega

Pentens

Perfil da praça abaluartada

Perímetro de fogo

Perímetro fortificado

Plataforma

Polígono exterior

Polígono interior

Ponte levadiça e ponte dormente

Portas-falsas ou poternas

Praça

Praça alta

Praça baixa

Praças de armas da estrada coberta

Praça irregular

Praça regular

R..... lxxvii

Rampa

Rastilho

Recinto

Redente

Reduto

Reentrante

Reparo

Revelim

Revelim moderno

S lxxviii

Saliente

Sapata

Semidiâmetro

Semidiâmetro menor

Semidiâmetro maior

Semi-diferença dos lados dos polígonos

Semigola

Sobreface ou fronte

T lxxix

Talude

Tenaz, tenalha

Tenalha moderna

Tenalha composta ou chapéu de bispo

Tenalha simples

Terrapleno

Tiro de enfiada

Torreão

Traveses

Trincheira

Troneira

A

ABALUARTADA

Fortificação guarnecida com baluartes, elementos de desenho normalmente pentagonal, cuja finalidade é possibilitar o ataque do inimigo com disparos de flanco ou laterais, de modo a proteger as cortina.

ACESSO ELEVADO

Acesso a uma fortificação que permanece elevado sobre a área circundante. Acede-se a este através de uma ponte ou escada.

ACESSO CURVADO

Entrada para a fortificação que apresenta várias curvas que dificultava a entrada do inimigo.

ADARVE

Caminho que se situa atrás do parapeito e no alto da fortificação. É constituído pelo parapeito e caminho de ronda, normalmente a descoberto.

ALICERCE

1- Consiste num conjunto de pedras dispostas horizontalmente, apoiadas umas nas outras;

2- É uma obra de betão ou de alvenaria destinada a suportar ou reforçar a construção.

Esta definição complementa-se com a do humanista Bluteau [BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. I, p. 256], que nos afirma que o alicerce consiste numa obra que se encontra debaixo da terra e que serve de fundamento aos panos de muralha.

ÂNGULO

Figura formada por duas semi-retas que se interseitam. Segundo Bluteau [BLUTEAU, Rafael, vol. I, p. 375], consiste em duas linhas retas inclinadas, que se tocavam reciprocamente.

ÂNGULO DA ESPALDA

É o ângulo interno formado pela face e pelo flanco de um baluarte [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 48].

ÂNGULO DA LINHA RASANTE E FLANCO

É o ângulo formado pela linha de defesa rasante e o flanco [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 48].

ÂNGULO DE FLANCO

É o ângulo definido pelo flanco de um baluarte e pela cortina.

ÂNGULO DIMINUTO

É definido pela linha de defesa rasante e pelo lado do polígono externo.

ÂNGULO DO CENTRO

É o ângulo que no centro se forma por dois semidiâmetros que partem de dois ângulos próximos [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 47].

ÂNGULO DO POLÍGONO

É o ângulo que se forma por dois lados [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 47].

ÂNGULO FLANQUEADO

É o ângulo formado pelas duas faces do baluarte [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 47].

ÂNGULO FLANQUEANTE

É o ângulo formado pelo flanco e pela cortina [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 48].

ÂNGULO FLANQUEADO EXTERIOR OU ÂNGULO DA TENALHA

É o ângulo exterior formado pelas duas porções das linhas rasantes [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 48].

ÂNGULO FLANQUEANTE INTERIOR

É o ângulo feito pelo concurso/ligação da linha rasante e da cortina [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, pp. 47-48].

ÂNGULO FORMAFLANCO

É o ângulo que se forma da semigola, e da linha dos extremos da mesma semigola e do flanco [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 48].

ÂNGULO REENTRANTE

É o ângulo cujo ápice entra dentro da fortificação [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 49].

ÂNGULO SACADO

É o ângulo que sai da praça e que entra no campo [BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. I, p. 375].

ÂNGULO SALIENTE

É o ângulo cujo ápice avança para a campanha [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 49].

ANTE-FOSSO

Consiste numa cova que cerca a esplanada.

APROCHES

São todas as obras com as quais avançam os sitiadores contra uma praça.

B

BALUARTE

É uma obra avançada à linha fortificada, geralmente composta por duas faces ou flancos. Com o desenvolvimento da artilharia, os baluartes vão sendo reforçados lateralmente e abaixados, tomando uma forma poligonal.

BALUARTE DESTACADO

É um baluarte que se encontra separado do corpo da praça e cercado de um fosso.

BALUARTE DE ORELHÕES

É aquele cujos ângulos convexos estão cobertos até ao centro por uma extremidade da face, designada de orelhão.

BALUARTE DUPLO

É um baluarte que possui outro baluarte menor no seu interior.

BALUARTE PLANO OU CHATO

É aquele que se erige sobre uma linha reta [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 48].

BALUARTE REAL

É um baluarte que apresenta dimensões muito elevadas, possuindo vários entrincheiramentos. Deste modo, tinha capacidade para albergar uma grande guarnição.

BALUARTE REGULAR

É aquele cujas linhas e ângulos correspondentes são iguais entre si.

BALUARTE SIMPLES

É aquele cujo terraplano acompanha as suas faces e flancos, deixando um espaço vazio no centro.

BALUARTE TENALHADO

É aquele cujo ângulo flanqueado forma um reentrante.

BALUARTE TERRAPLANADO

É um baluarte que, além do comum terraplano da praça, possuía no seu interior outro terraplano. Deste modo, o reforço era maior.

BALUARTE TRUNCADO

É aquele cujo ângulo flanqueado é substituído por um ou dois ângulos reentrantes.

BALUARTE VAZIO

É um baluarte que não possui terraplano.

BANQUETA

Era uma pequena altura de terra que se colocava à volta do rodapé do parapeito pela parte interior, onde os soldados subiam para observar e atirar contra o inimigo. [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 41; BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. II, pp.35-36].

BARBACÃ

É um muro mais baixo do que a muralha da cerca, constituído no exterior e próximo desta, formando uma nova cerca completa, destinada a uma primeira defesa.

BARBETA OU BARBETE

Consiste numa plataforma onde estavam instaladas as bocas-de-fogo, passando estas a estar numa posição sobrelevada em relação ao parapeito, por forma a permitir-se o disparo por cima dele.

BASTIÃO OU BASTILHA

Chama-se bastião a uma bateria que serve para descortinar a praça, incorporando-se nas cortinas da mesma.

BATERIA

Consistia numa plataforma onde se dispunham uma ou mais bocas-de-fogo, permitindo combater o inimigo ou a praça sitiada [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 41]. A bateria podia ser descoberta ou coberta. No primeiro caso, ela podia permitir o tiro em canhoeriras ou à barbeta, por cima do parapeito defensivo. Já no segundo caso, ela poderia ser do tipo casamata quando abobadada.

BONETE

Obra exterior semelhante a uma tenalha composta com os flancos divergentes. Destinava-se a proteger a cortina, o baluarte, o revelim e outros elementos da fortificação.

BRECHA

Abertura provocada pela artilharia, minas ou qualquer outro processo utilizado pelo inimigo.

C

CAMINHO COBERTO

Consiste no espaço de circulação dos defensores no exterior do fosso da fortificação. O caminho coberto situa-se no alto da contraescarpa, para além do fosso, sendo protegido pela esplanada contra o fogo do inimigo. O acesso a este caminho fazia-se através da ponte levadiça que atravessava o fosso, mas também se podiam construir rampas ou escadas na contraescarpa, ligando o fosso ao caminho coberto.

CAMINHO DE RONDA OU FALSA-BRAGA

É um caminho que existe entre o reparo e a margem interior do fosso. Dele podia-se resistir ao inimigo quando este se aproximasse da praça. Nalgumas Fortificações italianas fez-se o caminho de ronda na borda exterior do reparo [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 41].

CAMISA

É a parte sólida da muralha, que não compreende a escarpa nem o talude [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 44].

CANHOEIRA

Abertura entre os merlões do parapeito. Era por aqui que a artilharia disparava [BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. IV, p. 103].

CAPOEIRA

É uma estrutura utilizada para a defesa do fosso. Assim, o fogo feito a partir desta varreria o interior do fosso, impedindo que o inimigo aí se estabelecesse para tentar um assalto à fortificação.

CASAMATA

Consiste numa praça coberta e abobadada, independente ou integrada numa fortificação maior. Era à prova dos projeteis inimigos e nela se alojava a artilheria [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 41; BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. IV, p. 176].

CAVALEIRO

Consiste num elemento defensivo, de forma quadrangular, construído sobre um baluarte ou sobre o terraplino da cortina. Este tinha a vantagem de ocupar uma posição elevada, permitindo maior um maior alcance da artilharia. Contudo, os cavaleiros tinham a desvantagem de se tornarem um alvo fácil da artilharia inimiga [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 42].

CESTÕES

Eram grandes cestos da altura de um homem, e tão largos em baixo como em cima, dos quais se formavam os parapeitos, fazendo de cada três um merlão. Quando os seus parapeitos estavam arruinados da artilharia inimiga, também se faziam pequenos, largos em cima e mais estreitos em baixo. Neste caso, ficavam junto uns aos outros. Os espaços que ficavam abertos ao meio do cesto serviam para os mosqueteiros atirarem cobertos [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 53].

CIDADELA OU CITADELA

Praça menor, quadrada ou pentagonal que se erige no sítio mais conveniente da praça. Visava a sua proteção ou dominação, a fim de não haver revoltas [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 50; PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 39].

CISTERNA

Era um reservatório de águas pluviais, elemento essencial à sobrevivência dos defensores diante de um cerco.

COBERTURA

Dispositivo de proteção de uma zona de operação.

COBRE-FACE

Massa de terra que cobria casamatas ou outros elementos da fortificação.

COMPLEMENTO DA CORTINA

É o resto da cortina, consistindo o flanco secundário [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 44].

CONTRAESCARPA

É o lado do fosso que está mais próximo da campanha. A contraescarpa permitia uma proteção eficaz porque dificultava a retirada do inimigo, além do que aumentava a proteção da escarpa relativamente à artilharia sitiante [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 51].

CONTRAFORTES

Consistem em pilares interiores que reforçam os muros. São incorporados na muralha principal para dentro dos reparos por melhor se unir entre eles e sustentar a terra sem provocar dano nos muros [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 141; BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. V, p. 506].

CONTRAGUARDA OU COBRE-FACE

É uma obra exterior destinada a cobrir um baluarte ou um revelim. Localiza-se no fosso à frente do respetivo baluarte ou revelim e é composta por duas faces longas com flancos muito estreitos. Pode ser designada de cobre-face quando as suas duas faces se unem.

Protegia contra o fogo direto dos sitiantes e servia de abrigo às tropas de guarnição. Além disso, a contraguarda tinha funções muito semelhantes às da meia-lua, mas era maior, cobrindo o baluarte de uma forma mais abrangente.

CONTRAMINAS

Consiste numa galeria subterrânea construída estrategicamente abaixo da mina inimiga, a fim de provocar a sua destruição nas operações de sítio [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 45].

CORDÃO

É um adorno de pedra que se encontra no cimo da muralha por baixo do parapeito imediato á raiz.

CORNAS/ OBRAS CORNAS

Obras situadas diante das cortinas ou diante dos baluartes para melhor os cobrirem quando as condições do local o exigissem.

COROA

Obra destacada da praça, unida ao fosso principal por dois ramais, tendo na sua frente um baluarte. É uma obra guarneçada com parapeito e fosso.

CORTADURAS

São trincheiras fortes com fossos que se fazem por dentro das brechas nas obras que estão, em parte, arruinadas [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 55].

CORTINA

É um troço do reparo situado entre os flancos de dois baluartes [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 44; BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. V, p.579].

CUBELOS

Eram uma espécie de torres que se situavam nas muralhas da fortificação [BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. V, p. 626].

D

DEMIGOLA OU GOLA

É a linha que com outra igual faz o ângulo do polígono, ou praça que se quer fortificar [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 44].

DISTÂNCIA DOS POLÍGONOS

É a linha que mostra o espaço entre os polígonos interior e exterior [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 45].

E

ESCARPA

Face interior do fosso da fortificação, perpendicular ao fundo.

ESCARPA EXTERIOR

É a inclinação ou declive que tem a muralha para a parte da campanha [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 43].

ESCARPA INTERIOR

É a inclinação que tem o reparo da parte interior. Esta também pode ser considerada de talude [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 43].

ESPALDA

É a parte acrescentada em cada banda do baluarte, de forma quadrangular [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 46].

ESPLANADA

Consiste num terreno plano, unido e descoberto, antes de uma fortificação.

ESTRADA ENCOBERTA OU CORREDOR

É um caminho para além do fosso que circunda a praça. É amparado por um parapeito que fenece no nível da campanha. Também pode ser chamada de coberta [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 42].

ESTRELAS

São fortins ou redutos em forma de estrela de quatro a seis ângulos com os lados retirados para dentro e com ângulos reentrantes [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 40].

EXTENSÃO DA FACE

É o resto da linha rasante, tirada dela a face [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 44].

EXTENSÃO DO FLANCO

É a continuação imaginária do flanco até ao lado do polígono exterior [PIMENTEL, Luís Serrão Pimentel, *Op. Cit.*, p. 44].

F

FACE, FRONTO OU FRENTE

É a linha que incidindo para a parte de fora forma com outra sua semelhante, o ângulo exterior do baluarte que chamam ângulo flanqueado [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 39].

FACE PROLONGADA

É a mesma face produzida até encontrar a cortina: a esta linha dá-se o nome de rasante ou linha menor de defesa, quando se considera num todo [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 48].

FALSA-BRAGA

Consistia num segundo muro que defendia o fosso.

FLANCO, TRAVEZ OU ESPALDA

É a linha que ao descer de hum extremo da face do baluarte cai perpendicular sobre a cortina [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 44].

FLANCO ENCOBERTO

É uma parte do flanco que fica amparada por um anteparo chamado orelhão ou espalda que se forma sobre o resto do dito flanco, por forma a que a artilheria que se puser sobre o coberto fique menos exposta às baterias do inimigo [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, pp. 45-46].

FLANCO PROLONGADO

É o flanco estendido imaginariamente do lado do polígono interior até ao do exterior [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 44].

FLANCO SECUNDÁRIO

É a parte da cortina que fica entre o flanco e a linha rasante [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 44].

FORTALEZA

É uma estrutura arquitetónica militar projetada para a guerra defensiva. É dotada de baluartes para segurança das províncias, cidades ou portos [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 40].

FORTIFICAÇÃO

É uma praça cercada de fossos, reparos e baluartes. Destinava-se à defesa da região em que era implantada [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 39].

FORTE DE CAMPANHA

É um forte de quatro ou cinco ângulos com outros tantos baluartes que se faz na campanha ou fora das praças junto dos rios para os defender. Tinham o inconveniente de não conseguirem resistir a exércitos numerosos [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 39].

FORTE EM ESTRELA

São redutos, compostos por ângulos salientes e reentrantes. Eram mais comuns na campanha das fortificações de terra, colocados entre as linhas de circunvalação, e contravalação [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 50].

FORTIFICAÇÃO IRREGULAR

É a fortificação que não tem nem os ângulos, nem os lados iguais.

FORTIFICAÇÃO REGULAR

É aquela cujo polígono tem todos os ângulos e lados iguais [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 42].

FORTIM

Fortificação de pequenas dimensões e, quase sempre, desprovida de defesas externas significativas.

FOSSO OU CAVA

É um buraco fundo e aberto no terreno natural, ou feito artificialmente, que rodeia toda a praça pelo seu lado exterior. Destinava-se a impedir ou a dificultar o acesso do inimigo à linha de defesa da fortificação. Conforme o tipo do seu preenchimento, o fosso poderia ser seco ou molhado [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 42].

G

GALERIA

Consiste numa passagem estreita, à prova de fogo de artilharia, destinada a facilitar a defesa. Localiza-se na escarpa ou contraescarpa.

GOLA

Linha imaginária que ligava as uniões dos flancos de um baluarte às cortinas da praça. [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 47].

GOSIER OU GOLA LEGITIMA

É a linha tirada entre os concursos dos flancos e cortina, sendo oposta ao ângulo da figura [PIMENTEL, Luís Serrão Pimentel, *Op. Cit.*, p. 44].

GUARITA

É uma torre redonda que se situa sob os ângulos flanqueados e a espalda e no meio das cortinas para que os soldados pudessem vigiar o local. Aliás, segundo Pimentel, as guaritas representavam na fortificação o mesmo que os olhos no corpo humano [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 145; FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 59].

H

HORNAVEQUE

É uma obra exterior composta por dois ramais e por dois meios baluartes na frente juntamente com os seus flancos e a cortina [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 54].

L

LADOS

São as linhas que terminam ou cercam a figura de qualquer fortificação [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 42].

LADOS DO POLÍGONO EXTERIOR

É a linha que vai da ponta de um baluarte até à ponta do outro [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 45, FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 42].

LADOS DO POLÍGONO INTERIOR

São linhas que, interiormente, fecham a praça de um a outro ângulo. Além disso, são também aquelas que servem de cortinas [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 42; PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 45].

LINHA CAPITAL

É a linha tirada do ângulo do polígono até ao ângulo flanqueado ou até à ponta de um baluarte, dividindo-o em duas partes iguais nas figuras regulares e fortificadas regularmente; e em desiguais nas irregulares [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 44].

LINHA DE CIRCUNVALAÇÃO

Era a linha de trincheiras com que se cobria o exército na parte da campanha [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 60].

LINHA DE CONTRAVALAÇÃO

Era uma linha semelhante à anterior com que o exército se cobria na parte da praça [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 60].

LINHA DE DEFESA FIXANTE

É a linha tirada do ângulo do flanco da cortina até à ponta do baluarte oposto [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 45].

LINHA DE DEFESA RASANTE

É a linha tirada de tal ponto da cortina que com a face do baluarte continua uma linha reta [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 45].

LINHA DE ESPALDA OU LINHA DIRETIVA

É aquela que conflituando parte da espalda ou do orelhão, fica oposta à cortina [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 46].

LINHA DE TIRO

Consistia numa linha imaginária que prolongava o eixo geométrico das bocas-de-fogo.

M

MARGEM, LIZIRA OU BERMA

Consiste numa margem de terra que se deixa entre o parapeito da falsa-braga e o fosso. Estas só se faziam quando a muralha era muito alta, dando maior segurança à obra. Porém quando a fortificação era de taipa, não saindo do fundo do fosso e começando a assentar sobre o terreno natural, deixava-se a berma entre a taipa e o fosso [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 42].

MEIO-BALUARTE

É aquele que possui apenas uma face e um flanco.

MEIA-GOLA

Linha imaginária que, com outra idêntica, define, no interior do baluarte, o ângulo do polígono ou da praça.

MEIAS-LUAS

São obras menores exteriores destinadas a cobrir os ângulos salientes dos baluartes. São constituídas por duas faces e dois flancos, com a gola recuada para o interior em formato de crescente ou meia-lua. A sua designação advém precisamente do seu formato [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, pp. 40-41].

MERLÃO

É a parte saliente do parapeito da fortificação. Encontra-se entre duas ameias.

MURALHA

É a parede à volta da fortificação que servia para sustentar as terras do reparo, o seu peso e para o mesmo reparo resistir ao tempo.

A muralha compreende em si a escarpa e talude exterior, o alicerce, a sapata, a camisa, o cordão, o parapeito de rondas, o caminho de rondas, os contra-fortes, e a contra-mina [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 44].

O

OBRAS CORNUTAS, CORNAS, HORNAVEQUES

São obras exteriores avançadas na campanha com dois lados longos que se chamam ramais e a frente provida com dois meios baluartes. Estas obras costumam fazer-se defronte da parte mais fraca da praça para impedir os aproches do inimigo [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 40].

OBRA CORNA

É a que se faz avançada para a campanha por dois ramais e na sua frente tem um baluarte inteiro e dois meios baluartes nos lados. Serve para ganhar algum posto considerável, ou para cobrir algum arrabalde [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 54].

OBRA EXTERIOR

É uma obra defensiva menor estabelecida no interior do perímetro da fortificação, destacada ou semi-destacada desta. Também se chamam obras exteriores aos trabalhos de engenharia militar realizados por uma força sitiante com o intuito de atacar a fortificação. As obras exteriores defensivas designam-se de obras exteriores do sitiado, e as ofensivas designam-se de obras exteriores do sitiante.

OBRA EXTERIOR DO SITIADO

Fortificação acessória situada no fosso da fortificação. Dela fazem parte os revelins, as meias-luas, as tenalhas, as coroadas, os hornaveques e os chapéus do bispo.

OBRA EXTERIOR DO SITIANTE

Consistem em trabalhos de fortificação de campanha destinadas a proteger as forças sitiadas durante um cerco à fortificação. Consistiam em obras de cerco – circunvalações e contravalaciones - e em obras de aproximação - trincheiras de aproximação e comunicação e túneis.

ORELHÃO

É a parte acrescentada em cada banda de um baluarte formada em redondo e que empara o flanco coberto [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 46].

ORGÃOS

São contra-portas mais interiores feitas de pau ou traves compridas e grossas que se levantam e deixam cair pelo buraco respetivo que é feito na abobada do trânsito [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, pp. 58-59].

P

PADRASTO

Posição mais elevada que a posição de uma fortificação, de onde esta poderia ser atacada.

PAIOL

É um local na fortificação que se destina ao armazenamento de munições.

PALIÇADA

Consistia num conjunto de estacas de madeira fincadas verticalmente no terreno, ligadas entre si, de modo a formarem uma estrutura firme. Surgia implantada na banquetta do caminho coberto.

PARAPEITO

É a terra levantada por cima do reparo com grossura conveniente e altura suficiente para cobrir os soldados dos tiros do inimigo [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 41].

PARAPEITO DA ESTRADA ENCOBERTA

É a terra levantada diante da entrada encoberta para a parte da campanha estendendo-se em diminuição até fenecer nela. Servia para encobrir os soldados que ali assistiam [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 42].

PARAPEITO DA FALSA-BRAGA

É um parapeito semelhante ao do reparo. Poderia ser feito dentro do fosso principal na margem interior do refossete [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 42].

PENTENS

Consistia numa linha de estacas que poderiam chegar quase aos 3m de comprimento. Eram cravadas na parte exterior do reparo e por baixo do cordão nas obras revestidas ou na base do parapeito [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, Vol. II, p. 56].

PERFIL DA PRAÇA ABALUARTADA

Projeção vertical de um corte na praça, executado perpendicularmente à cortina, contendo todos os elementos da fortificação desde o recinto interior da praça até à esplanada exterior.

PERÍMETRO DE FOGO

Linha poligonal que definia as faces de uma fortificação de onde se podia atirar contra o inimigo.

PERÍMETRO FORTIFICADO

Espaço de terreno encerrado num sistema fortificado.

PLATAFORMA

Consistia na terra levantada em forma quadrangular e solta sobre o reparo, da qual se resistia e ofendia o inimigo com a artilharia [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 42].

POLIGONO EXTERIOR

São as linhas exteriormente lançadas dos ângulos de uns baluartes a outros e que cercão exteriormente a fortificação [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 46].

POLIGONO INTERIOR

São as linhas que cercão interiormente a fortificação. É destas linhas que se formam as cortinas e as demigolas.

PONTE LEVADIÇA E PONTE DORMENTE

É a parte da ponte junto da porta da praça, que se levanta e baixa por duas cadeias de ferro. O resto da ponte fixa, que se faz em toda a largura do fosso, chama-se ponte dormente [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 58].

PORTAS-FALSAS OU POTERNAS

São portas estreitas e secundárias, que conduziam para o exterior, permitindo aos ocupantes da fortificação sair ou entrar sem serem vistos. Normalmente situam-se no meio da cortina, como a porta principal; ou junto do angulo do flanco e cortina [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 59].

PRAÇA

É uma cidade, um vila ou qualquer outro lugar bem flanqueado, ou por natureza, ou por arte. Uma praça é flanqueada quando nela não há parte alguma do seu recinto que não seja vista e defendida menos que outra. Como os sítios em si são diferentes as figuras dos lugares, vilas ou cidades faz com que a fortificação se divida em fortificação regular e irregular, segundo o polígono que forma a sua figura [FORTES, Manuel de Azevedo Fortes, *Op. Cit.*, vol. II, p. 42].

PRAÇA ALTA

É uma praça retirada para dentro do baluarte em cujo terraplano jogava a sua artilharia. Ambas ocupavam parte da demigola [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, pp. 46-47].

PRAÇA BAIXA

É aquela parte do flanco entre o orelhão e a cortina com o terraplano mais baixo que o do corpo do baluarte. Possuía parapeito, canhoneiras e merlões. Nesse lugar faziam-se as casa-matas [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, Vol. II, p. 46].

PRAÇAS DE ARMAS DA ESTRADA COBERTA

Eram espaços mais largos e cobertos defendidos com travezes [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 55].

PRAÇA IRREGULAR

Praça cujo polígono interno é irregular. Consequentemente, os ângulos de encontro das cortinas são diferentes uns dos outros.

PRAÇA REGULAR

Praça cujo polígono interno é regular. Consequentemente, os ângulos de encontro das cortinas são todos iguais.

R

RAMPA

Plano inclinado existente no interior de uma fortificação destinado a ligar dois níveis diferentes.

RASTILHO

Era uma porta feita de vigotas em forma de grades, que se levantava e deixava cair pela parte inferior da porta principal [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 58].

.

RECINTO

Espaço interior da cerca da fortificação.

REDENTE

É uma obra com duas faces e sem flancos. Formava um ângulo saliente voltado para o lado de um possível ataque.

O redente poderia ser uma obra permanente ou de campanha, feito de alvenaria ou de terra, integrado numa cortina ou pano de muralha. Também poderia constituir uma obra exterior, partindo do caminho coberto.

REDUTO

É uma obra de planta quadrangular e de pequenas dimensões. Servia de proteção aos baluartes que lhe ficavam próximos. [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 40].

REETRANTE

Expressão utilizada para designar a parte da fortificação que não ultrapassa a linha do polígono interior e era protegida pelos fogos dos sitiantes.

REPARO

Era um terreno levantado de terra e alvenaria, erguido à volta da fortificação.

REVELIM

É uma obra menor exterior em forma triangular ou trapezoidal que se encontra fora da fortificação defronte das cortinas longas e dos lugares mais fracos, partindo da contraescarpa. O seu fosso comunica com o da própria fortificação. O seu objetivo principal era proteger a cortina do tiro direto da artilharia inimiga, bem como providenciar uma defesa avançada em caso de assalto à cortina [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 40].

REVELIM MODERNO

É aquele que se cobre com duas contraguardas [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 55].

S

SALIENTE

Designa a parte da fortificação que ressalta do polígono interior e que se destina a proteger os reentrantes, por cruzamento de fogos diante destes. O saliente mais importante era o baluarte.

SAPATA

É aquela parte do alicerce que excede as bases da camisa e do talude [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 44].

SEMI-DIAMETRO

Linha que unia o centro da praça com o ângulo exterior do baluarte.

SEMI-DIAMETRO MENOR

É a linha tirada do centro até ao ângulo do polígono interior [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 45].

SEMI-DIAMETRO MAIOR

É a linha tirada do centro até ao ângulo exterior do baluarte. Esta linha compreende também o semidiâmetro menor e a linha capital [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 45].

SEMI-DIFERENÇA DOS LADOS DOS POLÍGONOS

É a linha cujo dobro mostra o excesso que o lado do polígono exterior tem sobre o interior [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 45].

SEMI-GOLA

É a porção do lado do polígono interior de uma e outra parte tirada à cortina. O seu comprimento é a distância que há do ponto da cortina em que cai o flanco até ao ângulo do polígono interior [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 47].

SOBREFACE OU FRONTE

É a distância entre o ângulo exterior do baluarte e o flanco prolongado [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, pp. 44-45].

T

TALUDE

É a linha base da Escarpa [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 43].

TENAZ, TENHALHA

É uma obra semelhante à corna, sem meios baluartes e com um ângulo reentrante no meio. A tenalha era construída no fosso, no exterior de uma cortina (entre os flancos de dois baluartes consecutivos), destinando-se a uma defesa avançada dos reparos. [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 40].

TENALHA MODERNA

É uma obra que se fazia no fosso diante da cortina e de mais baixo perfil, com o seu parapeito para melhor se defender a passagem do fosso [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 55].

TENALHA COMPOSTA OU CHAPÉU DE BISPO

A tenalha composta (conhecida também por “chapéu do bispo” pelo fato de a sua planta se assemelhar a uma mitra episcopal) apresenta dois ou três ângulos reentrantes. Apresenta-se avançada em relação ao revelim que protege a cortina correspondente.

TENALHA SIMPLES

Apresenta apenas um ângulo reentrante, cujas faces são convergentes ou estreitam-se acentuadamente para o interior. Era construída junto à cortina, recuada em relação a um revelim.

TERRAPLENO

É o resto interior do reparo do princípio interior de sua base até à banquetta, sobre a qual assistiam e disparavam os soldados. Nele se alojava a artilheria além da dos baluartes [PIMENTEL, Luís Serrão, *Op. Cit.*, p. 41].

TIRO DE ENFIADA

Consiste no disparo dirigido paralelo ao eixo longo do local onde está sitiado o inimigo.

TORREÃO

É uma torre muito grande e forte [BLUTEAU, Rafael, *Op. Cit.*, vol. VIII, p. 217].

TRAVEZES

São obras levantadas sobre o plano da estrada coberta com banquetta e parapecito à prova de mosquete [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p.55].

TRINCHEIRA

É uma linha de fortificação que, com diferentes obras, como baluartes, redentes, estrelas, e redutos se fabrica para travar o avanço do inimigo [FORTES, Manuel de Azevedo, *Op. Cit.*, vol. II, p. 51].

TRONEIRA

Consiste numa abertura entre os merlões das ameias, por onde se enfiava a boca da peça de artilharia. O seu nome deriva na arma de artilharia “trom”, um pequeno canhão.

ANEXO III – Modelo de ficha de inventário para o conjunto abaluartado de Évora.

DESIGNAÇÃO:

OUTRAS DESIGNAÇÕES:

Nº DE INVENTÁRIO:

LOCALIZAÇÃO

PAÍS:

DIVISÃO ADMINISTRATIVA:

ENDEREÇO/LOCAL:

Fotografia

MAPAS DE LOCALIZAÇÃO

MAPA DO PAÍS:

FOTOGRAFIA AÉREA:

PLANTA DO CONJUNTO:

DADOS HISTÓRICOS IMPORTANTES

ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO:

ARQUITECTO/CONSTRUTOR/AUTOR:

CATEGORIA/TIPOLOGIA:

FUNÇÃO DO SEU SISTEMA DEFENSIVO:

PRINCIPAIS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO

PRINCIPAIS INTERVENÇÕES REALIZADAS

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

PRESERVAÇÃO/CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO:

PROTECÇÃO

- SITUAÇÃO ACTUAL:

- CATEGORIA DE PROTECÇÃO:

- DECRETO:

UTILIZAÇÃO INICIAL:

UTILIZAÇÃO ACTUAL:

PROPRIEDADE:

AFECTAÇÃO:

PROTECÇÃO PELA POPULAÇÃO:

AUTENTICIDADE:

INTEGRIDADE:

ENQUADRAMENTO:

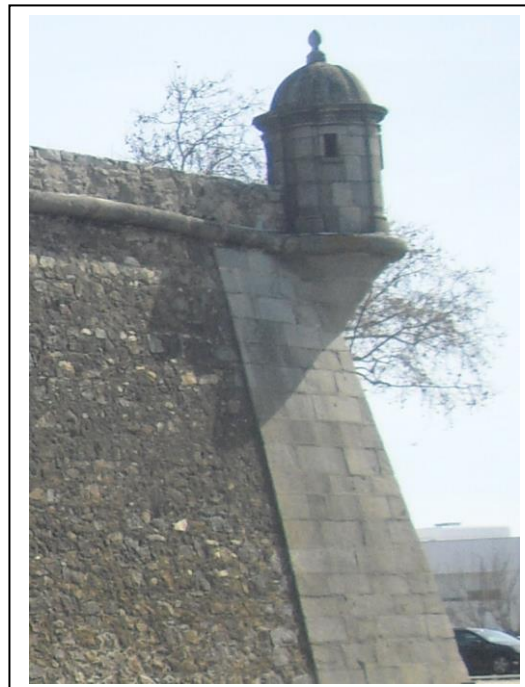
FOTOGRAFIAS

ANEXO IV – Ficha de inventário para o conjunto abaluartado de Évora.

DESIGNAÇÃO: Conjunto Abaluartado de Évora

OUTRAS DESIGNAÇÕES: Muralha de
Évora/fortificação de Évora/sistema defensivo de
Évora/ Fortificação abaluartada de Évora

Nº DE INVENTÁRIO: FA01²



LOCALIZAÇÃO

PAÍS: Portugal

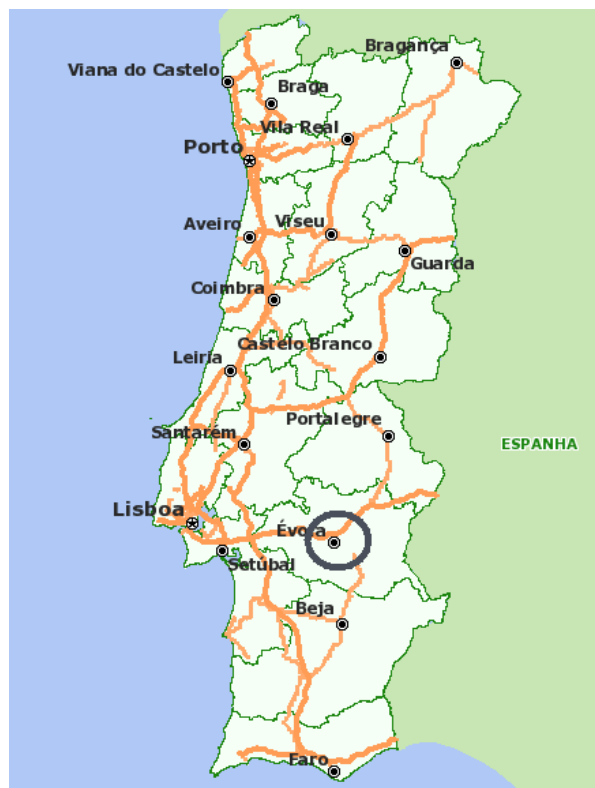
DIVISÃO ADMINISTRATIVA: Évora

ENDEREÇO/LOCAL: Recinto abaluartado envolvente
do Centro histórico de Évora e Forte de Santo
António

² Ficha de Inventário para a Fortificação Abaluartada n.º1. Seguimos o modelo da Ficha para as Fortificações Abaluartadas proposta pelo ICOMOS, mas efectuámos alterações, acrescentando novos pontos, a fim de nos aproximarmos do já referido Projecto CADIVAFOR, CIEFORM e ICOFORT.

MAPAS DE LOCALIZAÇÃO

MAPA DO PAÍS:



FOTOGRAFIA AÉREA:



PLANTA DO CONJUNTO:

(Fonte: Câmara Municipal de Évora, DCHPC)

Legenda:**Baluartes (da esquerda para a direita, a contar de baixo):**

Baluarte do Príncipe; Baluarte do Conde de Lippe; Baluarte do Picadeiro; Baluarte do Assa; Baluarte de M.^a Sr.^a de Machede; Baluarte dos Apóstolos; Baluarte de S. Bartolomeu

**Portas (da esquerda para a direita, a contar de baixo):**

Porta do Raimundo; Porta do Rossio; Porta de Mesquita; Porta de N.^a Sr.^a de Machede; Porta de Avis; Porta da Lagoa

DADOS HISTÓRICOS IMPORTANTES

ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO: Séculos XVI/ XVII/ XVIII

ARQUITECTO/CONSTRUTOR/AUTOR: Nicolau de Langres, Charles Lassart, Jean Gillot, Diogo Pardo de Osório, Conde de Schomberg, Pierre de Saint-Colombe, Simom Joquet, Jean Brivois, Allain Manesson, Barão de Sillincourt, Agostinho de Andrade Freire, Luís Serrão Pimentel, Miguel Luís Jacob.

CATEGORIA/TIPOLOGIA: Arquitetura militar – sistema moderno/ abaluartado

FUNÇÃO DO SEU SISTEMA DEFENSIVO: resistência adaptada às novas armas de fogo. Foi uma resposta às exigências da Guerra da Restauração.

PRINCIPAIS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO

1590 – A velha Porta da Lagoa é entaipada, sendo substituída pela nova;

1640-50 – Construção do Baluarte de Nossa Senhora de Machede, entaipando a Porta de Machede;

1642 – D. João IV envia a Évora o engenheiro-mor Charles Lassart e Jean Gillot para realizarem um levantamento topográfico e avaliar a fortificação;

1645 – Abertura do Postigo dos Penedos para comunicação entre a praça e o Forte;

1648 – O General de Artilharia, André de Albuquerque ordena que Nicolau de Langres faça estudos de terreno em Évora;

1650 – O Conselho de Guerra de S. João IV dá ordem para a edificação do Forte de Santo António, a fim de proteger o Convento de Santo António da Piedade;

1651 – Construção do baluarte do Príncipe, do Conde de Lippe e do Assa, segundo autoria de Nicolau de Langres;

1651-52 – Construção do baluarte do Picadeiro, segundo plano de Diogo de Prado Osório;

1653 – Continuação das obras no Forte de Santo António;

1657 – D. Luísa de Gusmão manda acudir com algum dinheiro para a rápida execução dos trabalhos de fortificação;

1659 – Novo levantamento da fortificação por Nicolau de Langres: o projeto inclui a construção de duas obras cornas, cinco baluartes, uma frente abaluartada, três meios baluartes e dois redentes;

1660 – O Conde de Autouguia encarrega Simon Jouquet e Jean Brivois de fazerem um novo projeto para a fortificação – inaplicável por questões técnicas e proporcionais;

1660 – Saint-Colombe desenha uma nova planta para a fortificação, que merece reparos de

Luís Serrão Pimentel, que também desenhou uma planta para a fortificação, constando de dez baluartes e uma obra corna: projeto aprovado pelo Conselho de Guerra;

1660-03-19 – Agradecimento proclamado pelo Conde Frederico Armando de Schömberg, a D. Pedro de Ouessing, pelo cuidado e diligência nas fortificações;

1660-04-04 – Decreto que visa a retoma das retificações e levantamentos de terras e redutos. Em cumprimento deste Decreto, vem para Évora o general de artilharia Pedro Jacques de Magalhães para dar continuidade aos trabalhos;

1660-08-07 – Agostinho de Andrade Freire é nomeado para assistente da fortificação e Pedro Gomes Pereira dirige os trabalhos;

1661-03-10 – Vem para Évora o terço de comando do mestre de campo Jerónimo de Mendonça, a fim de auxiliar nos trabalhos de fortificação;

1663 – Arruinada da Guerra, a velha Porta de Avis perde a sua função. É entaipada e construída uma nova porta; o baluarte de São Bartolomeu é arruinado;

1664-04-00 – D. Afonso VI autoriza que se apliquem todos os dinheiros existentes nos depósitos da cidade de Évora, a fim de se apressar a conclusão dos trabalhos na fortificação;

1664-07-00 – As obras estão praticamente paradas por falta de trabalhadores;

1665 – As obras do Forte de Santo António são conduzidas por Nicolau de Langres, que passou para o lado espanhol, sendo as obras retomadas por Agostinho de Andrade Freire, segundo traço de Luís Serrão Pimentel;

1665, finais – É construído o baluarte dos Apóstolos, segundo o traço de Pierre de Saint-Colombe;

1669-07-18 – Insiste-se na obra e na conservação do que já está feito;

1679-03-13 – D. Pedro II insiste na conclusão dos baluartes;

1680-10-26 – D. Diogo de Pardo Osório é nomeado assistente permanente da fortificação;

1680, finais – Início da última fase de construção do baluarte dos Apóstolos. O baluarte do Picadeiro é concluído, por projeto de Diogo de Pardo Osório;

1682 – Regimento para as fortificações da cidade de Évora;

1682, meados – É levantado o baluarte de São Bartolomeu;

1692 – As obras param por falta de verba;

1737 – Inspeção das defesas da cidade de Évora por engenheiros e ajudantes da Aula de Fortificação;

1739 – A obra ainda estava inacabada;

PRINCIPAIS INTERVENÇÕES REALIZADAS

- 1803** – Aproveitamento agrícola da parte superior do Forte de Santo António;
- 1804** – Reforma da Porta de Avis;
- 1806** – O interior do baluarte do Picadeiro é aproveitado como enfermaria para cavalos;
- 1836-1837** – O primeiro cemitério público ocupa o interior do baluarte do Assa;
- 1940-50** – Remoção dos rebocos exteriores do Forte de Santo António;
- 1966** – Restauro dos flancos exteriores do baluarte de São Bartolomeu, e reparo de um troço de muralha do Forte de Santo António;
- 1986** – Obras de recuperação em vários troços;
- 1989-1990** – Projeto na circular e no espaço urbano envolvente: criação de um acesso alternativo à Avenida de S. Sebastião, ligando a N114 à Porta do Raimundo, junto aos baluartes do Conde de Lippe e do Príncipe; afastamento da via da muralha entre a Porta da Lagoa e a Porta de Alconchel;
- 1990 – 1997** – Demolição do troço da muralha medieval junto ao exterior do prédio demolido da Porta na Lagoa;
- 1998** – Obras de recuperação do Forte de Santo António, com trabalhos de limpeza dos parâmetros exteriores e remoção da vegetação existente, refechando-se as juntas, tapando-se rombos e recuperando-se as guaritas do Forte;
- 2000** – Novas obras de recuperação do Forte de Santo António, na sequência da derrocada de um troço de muralha
- 2001** – Realização de estudos para o espaço envolvente das muralhas;
- 2003** – Deteção de guaritas instáveis nos baluartes do Príncipe, Conde de Lippe e Picadeiro;
- 2004** – Obras de consolidação nas guaritas do baluarte do Príncipe, Conde de Lippe e Picadeiro;
- 2005** – Proposta para o espaço entre as Portas da Lagoa e de Avis;
- 2006-2007** – Obras da envolvente de alguns troços do Conjunto, dando-se uma revitalização do espaço;
- 2007** – Estudo dos troços da muralha, dividindo-os em zonas de atuação, e detetando-se as diversas patologias
- 2008** – Trabalhos de limpeza e conservação de alguns troços;
- 2009** – Desobstrução da muralha na cerca do baluarte do Assa;
- 2010** – Detetaram-se diversas patologias nos troços de muralha: juntas desguarnecidas, lacunas ao nível estrutural e queda de materiais, escorrências por deficiência dos desaguadouros,

colonização biológica e existência de vegetação, e existência de um revestimento extensivo em argamassa de cimento;

2012-2013 – Levantamento de patologias, complementado o estudo de 2007.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ORIGINAIS: Cantaria de granito, alvenaria de pedra e tijolo, taipa e argamassa.

POSTERIORES: Cimento, argamassa e cal.

PRESERVAÇÃO/CONSERVAÇÃO

ESTADO DE CONSERVAÇÃO: Forte de Santo António – bom estado de conservação// Baluarte de São Bartolomeu – mau estado de conservação// Baluarte do Príncipe – bom estado de conservação// Baluarte do Conde de Lippe – bom estado de conservação// Baluarte do Picadeiro – bom estado de conservação// Baluarte do Assa – razoável estado de conservação, embora já não possua guaritas// Baluarte de N.ª Sr.ª de Machede – razoável estado de conservação, uma vez que também não possui guaritas, e foi-lhe acrescentado tijolo e cal no cimo da cortina// Baluarte dos Apóstolos – mau estado de conservação, pois está bastante aterrado e sofre diariamente com a poluição e peso dos veículos qu nele são estacionados.

PROTECÇÃO

- **SITUAÇÃO ACTUAL:** Classificado

- **CATEGORIA DE PROTECÇÃO:** MN – Monumento Nacional/ IIP – Imóvel de Interesse Público

- **DECRETO(S):** Decreto-Lei de 16 de junho de 1910; Decreto n.º 7.719, DG, n.º 199 de 29 de setembro 1921; Decreto n.º 8.218, DG, 1.ª série, n.º 130 de 29 de junho 1922; Decreto n.º 11.733, DG, 1.ª série, n.º 135 de 25 de junho 1926; e Decreto n.º 41.191, DG, 1.ª série, n.º 162 de 18 de julho 1957.

UTILIZAÇÃO INICIAL: Militar

UTILIZAÇÃO ACTUAL: Marco histórico-cultural/ Forte de Santo António – marco histórico-cultural, vivência religiosa, fonte agrícola// Baluarte do Príncipe e Baluarte do Conde de Lippe –

albergam o Jardim Público de Évora// Baluarte do Assa – alberga o Hospital São João de Deus// Baluarte dos Apóstolos - serve de parque de estacionamento “ilegal”

PROPRIEDADE: Pública (estatal)/ Privada (Forte de Santo António – propriedade da Igreja Católica)/ Co-propriedade

AFFECTAÇÃO: Camara Municipal de Évora, auto de cessão de 14 de janeiro de 1946 (Porta de Avis, Porta da Lagoa, Porta do Raimundo, muralhas e fossos)/ Sem afetação (restantes estruturas)

PROTECÇÃO PELA POPULAÇÃO: A maior parte dos troços é respeitada pela população, exceptuando o Baluarte dos Apóstolos, onde parte da população deixa os seus veículos, danificando-o profundamente.

AUTENTICIDADE: Alguns restauros fizeram com que possuía materiais que não são originais. Temos o exemplo do Baluarte do Picadeiro, que possui uma guarita restaurada, parcialmente, em mármore. Além disso, já não existem as guaritas dos Baluartes do Assa e de N.^a Sr.^a de Machede. O Baluarte dos Apóstolos está cada vez mais aterrado, estando em ruína quase total, bem como o Baluarte de S. Bartolomeu. No Forte de Santo António, perdeu-se a porta original característica deste tipo de arquitetura.

INTEGRIDADE: Permanecem íntegros os Baluartes do Príncipe, Conde de Lippe e Picadeiro. Estando os restantes elementos do conjunto mutilados com a passagem do tempo e com a acção do homem. Também o Forte de Santo António permanece imponente, tendo sofrido várias obras de restauro e conservação.

ENQUADRAMENTO: Urbano. Os Baluartes do Príncipe e do Conde de Lippe suportam no seu interior o Jardim Público, e ficam entre as Portas do Raimundo e do Rossio. O Baluarte do Picadeiro fica entre a Porta do Rossio e o troço do baluarte do Assa. Este vai até à Porta de Machede, onde se encontra com o Baluarte de Nossa Senhora de Machede, que defendia a respetiva Porta. O Baluarte dos Apóstolos está separado dos restantes troços do Conjunto, ficando perto da estrada e junto da Escola Gabriel Pereira. O Baluarte de São Bartolomeu fica perto da rotunda que está em frente à Porta de Avis, estando também separado dos restantes troços do Conjunto. Por fim, o Forte de Santo António, suburbano, está situado num terreno ermo entre o Convento da Cartuxa e o Centro Histórico da cidade, sendo as suas muralhas

galgadas pelo Aqueduto da Prata.

FOTOGRAFIAS

Troço do Forte de Santo António



(Fonte: Ana Sousa – 30.11.2012)

Baluarte do Príncipe



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Baluarte do Conde de Lippe



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Baluarte do Picadeiro



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Baluarte do Assa



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Baluarte de N.ª Sr.ª de Machede



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Baluarte dos Apóstolos



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Baluarte de s. Bartolomeu



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Porta de Avis



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Porta da Lagoa



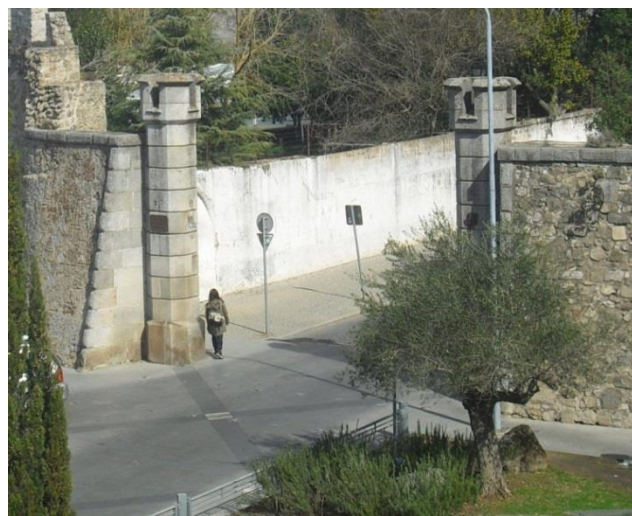
(Fonte: Ana Sousa – 08-03-2012)

Porta do Rossio



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Porta do Raimundo



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Porta de Mesquita



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

Porta de N.ª Sr.ª de Machede



(Fonte: Ana Sousa – 08.03.2012)

ÍNDICE DE PLANTAS

Planta 1 – Nomenclatura de uma fortificação abaluartada.....	ciii
Planta 2 – Descrição do reino de Portugal e dos reinos de Castela que confinam com a sua fronteira	civ
Planta 3 – Fortificação de Juromenha	cv
Planta 4 – Fortificação de Campo Maior	cv
Planta 5 – Fortificação de Ouguela	cv
Planta 6 – Praça de Elvas.....	cv
Planta 7 – Fortificação de Castelo de Vide	cv
Planta 8 – Fortificação de Serpa	cv
Planta 9 – Fortificação de Moura	cvi
Planta 10 – Fortificação de Arronches	cvi
Planta 11 – Fortificação de Monsaraz	cvi
Planta 12 – Fortificação de Mourão	cvi
Planta 13 – Fortificação de Marvão	cvi
Planta 14 – Fortificação de Barbacena	cvi
Planta 15 – Fortificação de Estremoz	cvi
Planta 16 – Fortificação de Beja	cvii
Planta 17 – Fortificação de Vila Viçosa	cvii
Planta 18 - Planta da cidade romana, adaptada pelo Plano Diretor de Évora, relat. N° 28 (1978/79)	cvii
Planta 19 - Planta da cidade de Évora no século XIV	cvii
Planta 20 - Cerca antiga, cerca nova e fortificações modernas	cviii
Planta 21 - Plano do Recinto de Évora, da Extensão e Indicação das Freguesias .	cix
Planta 22 - Forte de Santo António	cx
Planta 23 - Troço da Rua dos Penedos e do baluarte do Príncipe	cx
Planta 24 - Baluarte do Príncipe	cx
Planta 25 - Baluarte de Conde de Lippe	cxii

Planta 26 - Baluarte do Assa	cxiii
Planta 27 - Baluarte de N^a. Sr^a. de Machede	cxiv
Planta 28 - Baluarte dos Apóstolos	cxv
Planta 29 - Zona 1: Porta da Lagoa – Postigo dos Penedos	cxvi
Planta 30 - Zona 2: Postigo dos Penedos – Porta de Alconchel	cxvi
Planta 31 - Zona 4: Porta do Raimundo – Porta do Rossio	cxvi
Planta 32 - Zona 5: Porta do Rossio – Porta de Mesquita	cxvi
Planta 33 - Zona 6: Porta de Mesquita – Baluarte do Assa	cxvi
Planta 34 - Zona 7: Baluarte do Assa – Porta de Machede	cxvi
Planta 35 - Zona 8: Porta de Machede	cxvi
Planta 36 - Zona 10: Porta de Avis – Porta da Lagoa	cxvi
Planta 37 - Muralhas de Évora	cxvii
Planta 38 - Planta das Muralhas de Évora	cxviii
Planta 39 - Planta da Cidade de Évora	cxix
Planta 40 - Planta da cidade de Évora, sede episcopal e capital da província do Alentejo	cxx
Planta 41 - Planta da cidade de Évora, 1806	cxxi
Planta 42 – Planta das Muralhas e Fortificações de Évora	cxxii